

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

André Bomfim Gurgel do Carmo

Trabalho de Graduação Individual em Geografia:

**Um breve estudo sobre a geografia da Cracolândia**

Orientador: Professor Dr. Ricardo Mendes Antas Jr.

São Paulo, 09 de Março de 2020



**André Bomfim Gurgel do Carmo**

**Um breve estudo sobre a geografia da Cracolândia**

Trabalho de Graduação Individual  
apresentado ao Departamento de Geografia  
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São Paulo para  
obtenção do título de bacharel em geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas  
Jr.

São Paulo

2020



Ao meu falecido amigo  
Yuri Turucki Henriques Lobo

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço minha mãe Angélica Iracema Bomfim e meu pai Adolfo do Carmo Neto por todo apoio, amor e educação.

Aos meus amigos que conheci na graduação, Caetano da Veiga, Caio Estevam, Leonardo da Silva, José Faria, Thomas Schwemler, Mateus Léssio, Yan Gouveia entre outros que sem a ajuda não teria chegado ao fim da graduação.

Aos meus amigos que me incentivaram e apoiaram Yuri Turucki Henriques Lobo, Fábio Marcondes, Paulo da Silva, Fernando Campos, Paula Campos, Lucas Sobrinho e Caio Almeida.

Agradeço ao Professor Dr. Ricardo Mendes Antas Jr. e aos demais professores do departamento de Geografia da USP que me fizeram me apaixonar cada vez mais pela Geografia.

## Resumo

Este trabalho apresenta uma breve análise da chamada Cracolândia, que é uma área situada na região central da cidade de São Paulo. O texto foi separado em três capítulos, no primeiro buscamos apresentar alguns pontos importantes desse tema já tratados por alguns pesquisadores nas ciências sociais. Circunscrevemos a Cracolândia como um território localizado no Bairro da Luz e adjacências. No segundo capítulo iremos fazer uma breve contextualização sobre a formação da Cracolândia e sua atual situação. Por fim, buscaremos fazer uma correlação entre o tema Cracolândia com alguns autores da Geografia Desta forma o capítulo final deste trabalho traz três conceitos de autores ligados à Geografia, sendo “Os dois circuitos da Economia” (SANTOS, 2004), “Gentrificação” (SMITH, 2007) e Ideologias Geográficas” (MORAES, 1991) Que foram utilizados para analisar a espacialidade da Cracolândia.

Palavras chave: Cracolândia, Geografia urbana, Bairro da Luz

## **Listas de Imagens**

(Imagem 1 – Vista da Rua General Osório na altura do cruzamento com a Av. Rio Branco em 2013) Página

47

## **Listas de Mapas e Imagens**

Mapa 1 Mapa 1: principal localidade da Cracolândia de 1990 até 2005, área onde o fluxo poderia ser encontrado com maior facilidade Página 17

Mapa 2: Deslocamentos na Cracolândia segundo operações Página 19

Mapa 3: Cracolândia em 2012 com os principais serviços em destaque (p. 85)  
Página 33

Mapa 4: Demolições, serviços estatais e barracos após Sufoco (2013-2015) (p.85)  
Página 34

Mapa 5: Mapa da Cracolândia no período de 2007-2009 (p.4) Página 41

Mapa 6 (adaptação do mapa de Heitor Frúgoli Jr e Enrico Spaggiari (2010) feita no google maps) Página 41

Mapa 7: mapa retirado do pdf Projeto Urbanístico Específico (PUE) Subproduto 5.1: PUE Consolidado, referente ao Projeto Nova Luz, publicado em Julho de 2011 (p. 21)  
46 Página

## **Lista de Siglas**

PM- Polícia Militar

GCM - Guarda Civil Metropolitana

ONG -Organização Não Governamental

<b>Resumo</b>	<b>7</b>
<b>Introdução</b>	<b>13</b>
<b>1. A formação da Cracolândia e a situação presente</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Começo da Cracolândia</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Início na década de 1990 até 2016</b>	<b>15</b>
<b>1.3 De 2016 até Hoje</b>	<b>20</b>
<b>2. A Cracolândia refletida pelas ciências sociais: análise de algumas produções acadêmicas selecionadas</b>	<b>21</b>
<b>2.1 No labirinto: formas de gestão do espaço e das populações na Cracolândia (2016) - Marina Mattar Soukef Nasser</b>	<b>22</b>
<b>2.2 Fluxos de uma territorialidade: duas décadas de “cracolândia” Taniele Rui</b>	<b>34</b>
<b>2.3 Da cracolândia aos nósias: percursos etnográficos no bairro da Luz - Heitor Frúgoli Jr e Enrico Spaggiari (2010) Ponto Urbe</b>	<b>39</b>
<b>3. Uma abordagem geográfica da Cracolândia a partir dos conceitos: “os dois circuitos da Economia” e “gentrificação” e “Ideologias Geográficas”</b>	<b>42</b>
<b>3.1 Os dois circuitos da Economia - Milton Santos (espaço dividido)</b>	<b>43</b>
<b>3.2 Gentrificação - Neil Smith</b>	<b>48</b>
<b>3.3 Ideologias Geográficas de Antonio Carlos Robert de Moraes</b>	<b>50</b>
<b>Considerações Finais</b>	<b>54</b>
<b>4. Bibliografia</b>	<b>55</b>

# Introdução

Esta pesquisa pretende realizar um breve estudo sobre a espacialidade da Cracolândia localizada no bairro da Luz no centro da cidade de São Paulo, desde sua gênese até o ano de 2019.

A carência de teses com a temática sobre drogas em geral dentro da Geografia da USP<sup>1</sup>, havendo apenas uma dissertação de mestrado que não aborda especificamente sobre a Cracolândia nos fizeram pesquisar em outras áreas do conhecimento a fim de saber como estão sendo realizados os trabalhos acadêmicos sobre a Cracolândia, quais as principais temáticas e se estas pesquisas tentam entender a espacialidade deste território e quais conceitos da Geografia que podem relacionar e contribuir para melhor compreender o território referido.

Durante a pesquisa no site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, Google Acadêmico, na biblioteca digital da CAPES e da FAPESP sobre quais as principais áreas do conhecimento que têm maior relevância sobre a temática da Cracolândia e sua espacialidade me deparei com a maior parte das teses sendo das Ciências Sociais em especial da Sociologia e da Etnografia que tratam sobre a história e territorialidade da Cracolândia. Os autores Marina Nasser, Taís Magalhães, Taniele Rui Heitor Frúgoli Jr e Enrico Spaggiari tem destaque especial em sua teses, dissertações e artigos para tentar compreender a complexidade do território da Cracolândia e o múltiplo jogo de interesses que a envolvem.

A complexidade e o jogo de interesses envolvido na questão da Cracolândia é profundo, pois envolve diversas instituições públicas, muitas vezes em papéis antagônicos tais como o extinto programa Braços Abertos e o Redenção, ainda ativo, contra a Guarda Civil Metropolitana (GCM) e a Polícia Militar (PM) que no caso as duas primeiras têm a função de cuidado para com os usuários de crack e duas últimas têm como função a repressão. Além das instituições públicas existem os comerciantes da região da Santa Efigênia, tradicional ponto de comércio de eletrônicos da cidade de São Paulo, e o seu entorno que ditam a rotina da região

---

<sup>1</sup> Foi realizada uma pesquisa bibliográfica no primeiro semestre de 2019 na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo, link: <https://teses.usp.br/> onde não havia nenhum trabalho cujo o tema envolve diretamente a Cracolândia feito por Geógrafos ou Geógrafas.

durante o horário comercial, das 8 da manhã até as 18 horas.

Fora esses atores dentro da região, existe o setor imobiliário, que tem interesse na região, em especial no projeto Nova Luz, que é um projeto de revitalização do Bairro da Luz inicialmente lançado na gestão do prefeito Gilberto Kassab e “arquivado” na gestão do prefeito Fernando Haddad, mas a especulação imobiliária ainda é um fator de grande importância que influencia nas políticas públicas para esta região.

Fora todos esses agentes que foram mencionados acima, os principais atores no qual se concentra esta pesquisa são os frequentadores da Cracolândia e sua mobilidade dentro dos bairros da Luz, Campos Elíseos, Santa Ifigênia e adjacências. Estes tiveram variabilidade espacial desde a década de 1990 até os dias atuais. A forma como os usuários se estabeleceram no centro de São Paulo dando origem a Cracolândia e a forma que ela se adaptou às diversas políticas públicas e os diversos atores que atuam neste território tiveram efeito na área que os usuários ocuparam e ainda ocupam.

# 1. A formação da Cracolândia e a situação presente

## 1.1 Começo da Cracolândia

A gênese da Cracolândia está associada a uma localidade do bairro da Santa Ifigênia e adjacências que era chamada popularmente de “Boca do Lixo” localizada entre as ruas do Triunfo, Timbiras e Protestante, as avenidas São João e Duque de Caxias, o largo General Osório e a praça Júlio de Mesquita, conhecida pela boemia, prostituição, comércio popular e atividades ilegais das mais diversas no qual teve o crack introduzido no início da década de 1990. Algumas das prostitutas da “Boca do Lixo” foram as primeiras consumidoras de crack no centro de São Paulo e a partir de então o uso começou a se alastrar para outros grupos. Isto não foi um processo instantâneo, nem tão pouco pacífico, houve diversos conflitos entre os diferentes grupos e até mesmo entre as prostitutas usuárias e não usuárias de crack (RUI, p.231-235, 2015).

Em meio a introdução do crack no centro de São Paulo estava sendo finalizado o processo de mudança do centro econômico e político da cidade para outras áreas da cidade, como a Av. Paulista e o Palácio dos Bandeirantes no bairro do Morumbi respectivamente. Como parte da clientela dos hotéis da “Boca do Lixo” vinha destes setores que se deslocaram para outras partes da cidade, a partir deste momento começou haver uma maior aceitação de usuários de crack e traficantes da droga dentro dos hotéis desta parte do centro da cidade. (RUI, p.234)

## 1.2 Início na década de 1990 até 2016

Dentro deste mesmo período, década de 1990, ocorreu um grande número de prisões decorrentes da confecção do crack em imóveis dentro da zona da “Boca do Lixo”, isso reflete também a mudança ocorrida dentro da região do centro de São Paulo, com a perda de parte sua importância econômica e política. Uma grande parcela dos casarões e apartamentos foi abandonada ou teve seu preço de

aluguel/venda reduzido drasticamente. Devido a esses e outros fatores a “Boca do Lixo” foi perdendo ao longo da década de 1990 seu status de área essencialmente de boemia e prostituição para um espaço central entregue a criminalidade, não só em respeito a Cracolândia, mas também a um conjunto de atividades ligadas ao crime como o roubo e o comércio de produtos “piratas” e roubados.

Nesse aspecto, parte da gênese da cracolândia se deu por conta da saída da elite econômica paulistana do centro. Por conta da saída do principal grupo que detinha maior poder na área, os outros grupos, compreendendo a prostituição, tráfico de drogas e outras atividades ilícitas e por fim o comércio extremamente forte na região começaram a ganhar espaço por conta da mudança de centralidade econômica e política.

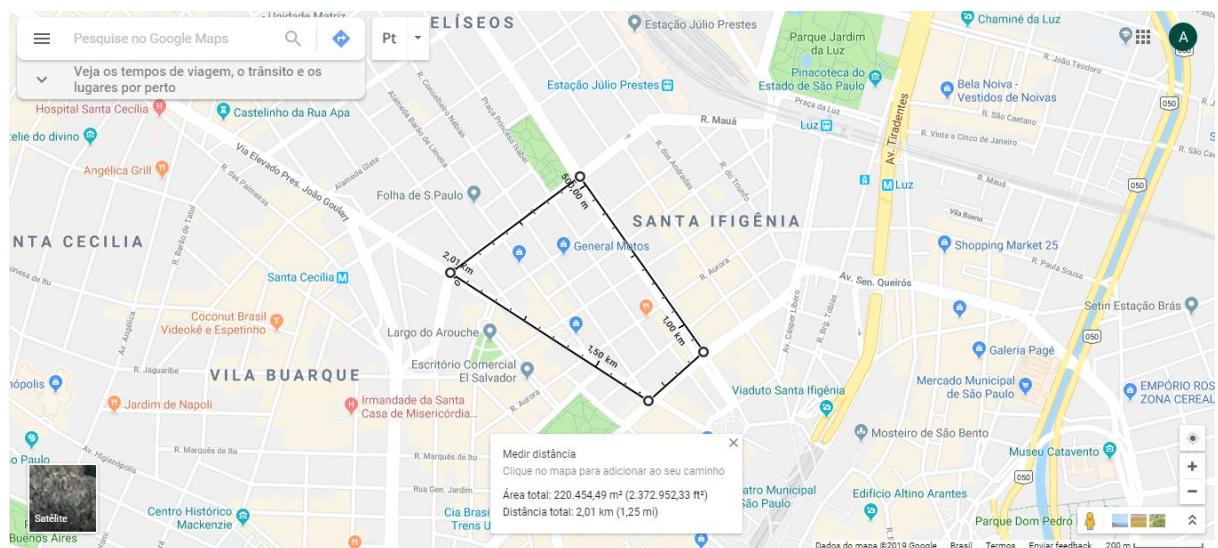
Neste contexto que a Cracolândia começa, com as prostitutas e os grupos envolvidos que estavam ligados a prostituição de alguma forma dentro de um espaço que era parte da centralidade da cidade e do estado, mas que deixou de ter sua centralidade econômica, política e seu status de boemia para se tornar, dentre muitas coisas, um espaço marginal de prostituição, criminalidade e com o passar do tempo o uso e comércio indiscriminado de crack.

Após esse período, por volta de 1990 até 2005, o território da Cracolândia normalmente ficava compreendido entre as Avenidas Rio Branco, Duque de Caxias, Ipiranga e São João, conforme mostra o mapa 1. Não havendo um caráter permanente do “fluxo”<sup>2</sup>, área core da Cracolândia (COSTA, p.55), mudando de número de usuários e localidade conforme o dia e noite, policiamento, oferta de crack, etc., lembrando que o “fluxo” não fica restrito apenas área circunscrita, mas essa área normalmente que era mais comum encontrar o “fluxo” nesta época.

---

<sup>2</sup> O *fluxo* faz referência aos bailes funk de São Paulo, porém este termo foipropriado no sentido de delimitar uma parte específica da Cracolândia, o *fluxo* da Cracolândia é a parte onde se concentra a maior parte de pessoas e de relações dentro da Cracolândia (COSTA, p. 55-56)

**Mapa 1: Principal localidade da Cracolândia de 1990 até 2005, área onde o fluxo poderia ser encontrado com maior facilidade**



Fonte: Google Maps

Durante o ano de 2005, mais especificamente no mês de março, teve início a Operação Limpa que:

"Por cerca de três meses, fiscais da Prefeitura junto de policiais militares e civis conduziram inspeções e fecharam bares, hotéis, cortiços, guarda-volumes de mercadorias, ferros-velhos e outros estabelecimentos (Kara José, 2010: 141), alterando completamente a dinâmica e as formas de uso desse espaço. Também realizavam rondas ostensivas no fluxo, enquadrando quem estivesse ali e impedindo qualquer agrupamento no local" (Nasser, 2016; p. 25-26).

Com essa operação que foi realizada durante a gestão do prefeito José Serra, que renunciou em 31 de Março de 2005 e foi continuada pelo vice Gilberto Kassab, alterou a dinâmica espacial da cracolândia de forma significativa, fazendo com que os usuários se deslocassem de maneira substancial, devido às constantes abordagens durante os três meses de Operação Limpa,

Segundo o site do governo do estado de São Paulo<sup>3</sup> a operação teve início na segunda feira dia 07/03/2005 e em apenas quatro dias “2.340 pessoas foram abordadas, 18 pessoas foram presas (12 tráfico de drogas, 3 por estelionato, 1 por

<sup>3</sup> <http://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/seguranca-policia-de-sao-paulo-na-operacao-limpa/> acesso em 30/05/2019

roubo e 1 por porte ilegal de armas), 426 papelotes de crack e cocaína foram apreendidos e 6 hotéis foram lacrados". Se em apenas quatro dias de operação houveram mais de 2000 abordagens, pode-se ter ideia da alteração do cotidiano dos usuários de crack. Normalmente há uma grande movimentação de usuários devido às abordagens policiais ou pela oferta ou falta de crack.

Ao aumentar o número de abordagens policiais os usuários passaram a se deslocar, logo migraram para fora dos limites da cracolândia e se espalharam, principalmente, pelo centro, mas alguns efeitos da Operação Limpa puderam ser sentidos por alguns bairros que estão localizados fora do centro da cidade.

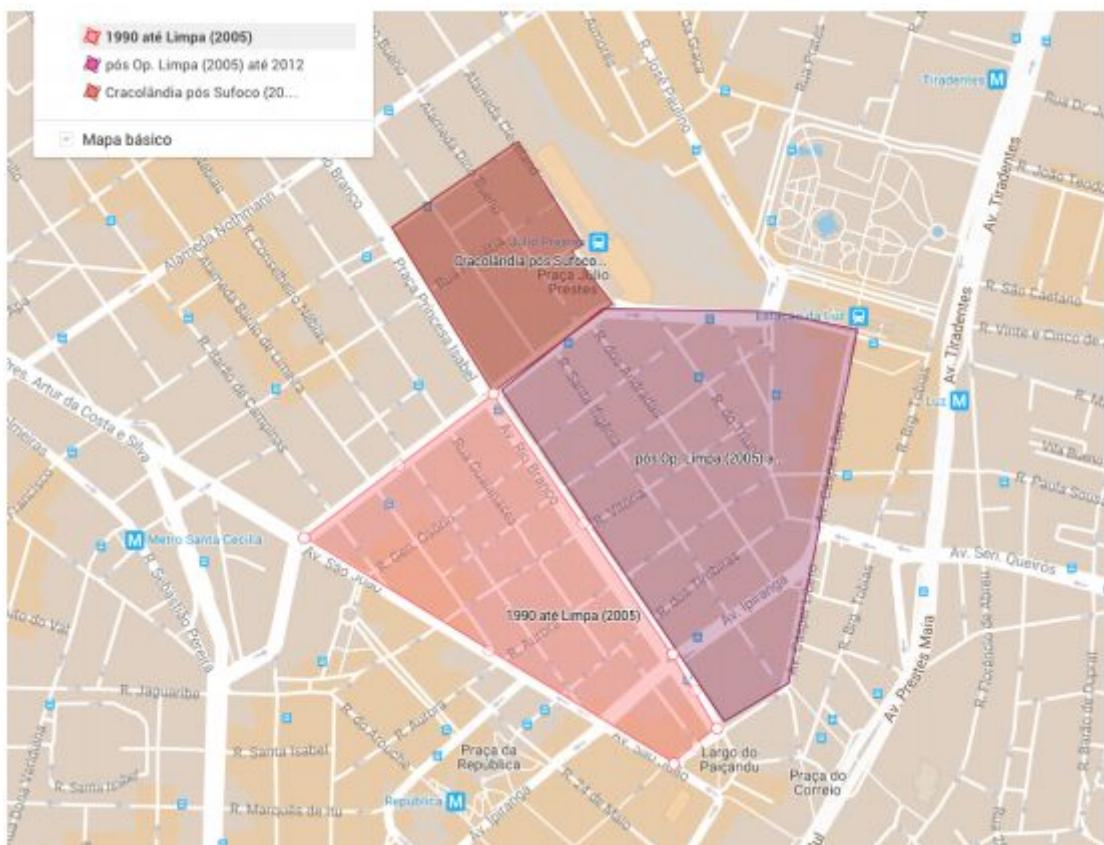
Tendo em vista o principal objetivo da Operação Limpa, isto é, a "limpeza" no sentido higienista, não só dos usuários, mas também de outros grupos e locais que normalmente estavam associados como prostitutas, motéis, etc. (Nasser, 2016).

Ao passo que a operação não conseguiu expulsar os usuários a espacialidade da cracolândia também foi alterada. Segundo Nasser 2016, a principal localidade do "fluxo" da Cracolândia passou para o outro lado da Av. Rio Branco, entre a Estação da Luz, Av. Duque de Caxias, Av. Cásper Líbero e Av. Ipiranga, como mostra a mapa 2.

Como o mapa 2 apresenta na legenda períodos de tempo relativamente grandes com relação a Cracolândia, 1990 até 2005 e 2005 até 2012, deve se levar em consideração a dinâmica espacial da Cracolândia, principalmente devido ao fato que não havia nenhum esforço de contenção dos usuários neste período (1990-2012) e também as operações policiais, desde as maiores como a Limpa (2005) e Sufoco (2012) como pequenas "abordagens de rotina" deslocam os usuários para outras localidades, o grau de deslocamento variava com o tamanho e a intensidade das operações policiais.

Então deve se levar em conta que o mapa mostra o local onde estiveram, na maior parte do tempo, os usuários durante esse período, mas a Cracolândia não ficou restrita a demarcação da autora.

## Mapa 2: Deslocamentos na Cracolândia segundo operações (p. 84)



Fonte: Nasser, p. 84

A outra operação de grande proporção foi a Operação Sufoco (2012), ela foi apelidada de Operação “Dor e Sofrimento”, seu objetivo era por meio de força coercitiva policial fazer com que os usuários da Cracolândia buscassem ajuda para se recuperar, por meio de internações fornecidas pelo estado e município. A prática policial era basicamente a mesma da Operação Limpa (2005), não deixar os usuários se fixarem em nenhum ponto e mantê-los em constantemente em movimento. Pelo apelido desta operação se pode ter noção de como as abordagens policiais ocorriam.

Como consequência desta operação ocorreu uma série de críticas e protestos de instituições nacionais e internacionais, estatais ou não, que fizeram, de certa forma, a política sobre drogas dentro da Cracolândia mudar e

consequentemente, ações de segurança e saúde pública. A partir deste ponto o tratamento de usuários consiste majoritariamente em redução de danos em vez de internações dos usuários e a atuação policial consistiu em manter os usuários em um local fixo para que eles não se dispersassem pelo centro, também se deu o uso de força, mas proporcionalmente muito menor.

### 1.3 De 2016 até Hoje

Atualmente parece que está acontecendo uma reconfiguração da Cracolândia, a extinção do programa de redução de danos “De Braços Abertos”, pelo ex-prefeito João Dória em março de 2018<sup>4</sup>; o anúncio, pelo prefeito Bruno Covas, da segunda fase do programa “Redenção” com a promessa, novamente, de acabar com a Cracolândia até o final de 2020<sup>5</sup>, além do presidente Jair Bolsonaro sancionar uma lei que permite a internação involuntária de usuários por até 90 dias com uma autorização médica<sup>6</sup>.

Estas ações do poder público trouxeram e ainda trazem consequências aos frequentadores da Cracolândia tendo em vista que após estas ações houveram mais algumas que de forma indireta e direta interferiram na espacialidade da região.

A primeira delas ocorreu em março de 2017 quando houve uma “megaoperação” policial com o intuito de acabar com a Cracolândia havendo de forma simultânea uma série de demolições e desapropriações em terrenos da região. Porém em julho do mesmo ano os usuários já voltavam para próximo do antigo local.

Em julho de 2018 foram entregues prédios populares que já começam a receber moradores, que relatam a insegurança em se transferir para o local, a área é considerada ZEIS 3 pelo plano diretor da cidade de São Paulo, que no caso seria “imóveis subutilizados, encortiçados, em áreas com toda infraestrutura”<sup>7</sup>

De setembro de 2018 até julho de 2019 houve o começo do estudo da

<sup>4</sup> <https://www.metrojornal.com.br/foco/2018/03/12/sp-qualificara-usuarios-da-cracolandia-com-bolsa-de-ate-r-667.html> acesso em 18/12/2019

<sup>5</sup> <https://www.metrojornal.com.br/foco/2019/05/20/programa-redencao-nova-fase-cracolandia.html> acesso em 17/06/2018

<sup>6</sup> <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2019/06/06/bolsonaro-sanciona-lei-que-permite-internacao-forcada-de-usuarios-de-drogas.htm> acesso em 17/06/2019

<sup>7</sup> <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/licenciamentos/zeisplanodiretor.pdf> acesso em 18/12/2019

transferência dos programas voltados para a Cracolândia e já o início dessa transferência para próximo da marginal Tietê, cerca de 2,7 KM de distância da antiga localidade dos projetos.

Uma coisa que está se tornando constante no ano de 2019 é o aumento vertiginoso da repressão policial na Cracolândia, sendo frequente a “troca de tiros” entre a Guarda Civil Metropolitana (GCM) e os frequentadores da Cracolândia. Uma possível causa para este aumento da repressão na Cracolândia, ainda mais com armas de fogo, que era muito incomum nas operações policiais anteriores<sup>8</sup>, está possivelmente associada a vista grossa do município e a eleição de Jair Messias Bolsonaro para a presidência da república, candidato que trata a questão de segurança pública e algumas questões de vulnerabilidade social de forma violenta e inadequada.

---

<sup>8</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/cerco-a-cracolandia-no-centro-de-sp-recrudesce.shtml> acesso em 18/12/2019

## 2. A Cracolândia refletida pelas ciências sociais: análise de algumas produções acadêmicas selecionadas

### 2.1 No labirinto: formas de gestão do espaço e das populações na Cracolândia (2016) - Marina Mattar Soukef Nasser

Esta dissertação de mestrado teve como objetivo fazer uma pesquisa etnográfica na Cracolândia, com foco desde seu início na década de 1990 até aproximadamente 2012.

Nesta pesquisa Nasser analisa a formação da Cracolândia e como as diferentes políticas públicas alteraram sua espacialidade, sendo a “Operação Limpa” e a “Operação Sufoco” as duas principais ações do estado, até aquele momento, que tiveram grandes consequências sobre os usuários, os métodos de tratamento fornecidos pelo governo e por fim a mudança da espacialidade decorrente a essas políticas públicas.

Após esta análise, Nasser faz o relato de uma mulher chamada Raissa que conheceu em seu trabalho na ONG De Braços Abertos, está viveu na Cracolândia em parte de sua trajetória. O foco neste momento da investigação é sobre real situação de exclusão social que os usuários vivenciam na Cracolândia entre outros aspectos.

Porém o objetivo aqui está em uma parte da introdução e no primeiro e terceiro capítulos que tratam de forma mais direta a espacialidade da Cracolândia e como as políticas públicas a alteraram.

A parte que mais chama a atenção na introdução da dissertação de Nasser é o uso do termo Cracolândia, Nasser indica que o termo Cracolândia foi cunhado pela imprensa local e logo o uso se generalizou tanto que começa ser utilizado em outros locais com as mesmas características, como cita a autora:

O termo Cracolândia foi cunhado nos anos 1990 em São Paulo pela imprensa local para se referir às ruas da região central da cidade, sobretudo do bairro da Luz, nas quais pessoas se reuniam para comprar e usar o crack(cf. Frúgoli e Cavalcanti, 2012; Rui, 2012: 189; Uchoa, 1996). Apesar de sua origem localizada, o termo logo se generalizou na linguagem cotidiana, abarcando inclusive, espaços com as mesmas características em outras localidades e cidades brasileiras (Nasser, 2016, p.18)

Com essa generalização do termo Cracolândia houve também um “excesso de significados” para este termo com diversas formas e funções, e com isto, Nasser faz o questionamento de qual seria a melhor maneira de tratar esta territorialidade do centro da cidade de São Paulo. A autora reflete a este respeito:

Isso levantou uma série de questões: enquanto pesquisadora, deveria ou não adotar a palavra Cracolândia para me referir a essa territorialidade? Ao utilizar termo, estaria disseminando uma representação social que possui efeitos concretos negativos em determinados grupos sociais? Se Cracolândia se refere a uma territorialidade, por que não usar o nome do bairro no qual se insere? Longe de ser um problema exclusivo meu, essas são perguntas bastante polêmicas colocadas no campo político da Cracolândia e que exigem um posicionamento de todos aqueles que pretendem criar algum tipo de narrativa sobre esse espaço, seja ela de pesquisa, ativismo, trabalho. (Nasser, 2016, p.18)

A partir deste ponto, Nasser relata como alguns autores, T. Rui, Frúgoli, Raupp e Adorno, etc.; trabalhadores dos programas sociais, políticas públicas, grande mídia e os próprios usuários se referem a territorialidade de uso de crack nos bairros da Luz e Santa Ifigênia e qual é o seu significado político que está por trás.

Por fim, Nasser faz a escolha de utilizar o termo Cracolândia sem aspas e com a primeira letra maiúscula.

Após definir como iria se referir a seu objeto de estudo, Nasser traz no primeiro capítulo: “Capítulo 1: Cracolândia: campo de problemas e deslocamentos”, como a Cracolândia e depois outras localidades que o uso de Crack se alastrou e como foram e/ou estão sendo tratados pelas grandes mídias e pelos diferentes níveis de governo (federal, estadual e municipal). Uma das principais relações que Nasser indica nas teses de Frúgoli e Cavalcanti é de como os locais de uso de crack são alvos de intervenções de revitalização urbana:

A conclusão dos autores possibilita inverter a ideia de que as intervenções urbanas surgem em consequência da presença de ‘cracolândias’ ou como forma de resposta a essas territorialidades, como é possível notar no debate político que se centra na polarização entre ‘revitalização’ e ‘degradação’ (cf. também Frúgoli e Sklair, 2009). Seguindo esta ideia, é possível discutir se a própria noção de ‘cracolândias’ surge nestes espaços exatamente por estarem no centro de disputas, relacionadas aos grandes projetos de intervenção urbana. (Nasser, 2016, p.22)

Logo em seguida, citando os mesmos autores, Nasser coloca que a “terra do crack” é um campo de relações entre diversos grupos:

de que a Cracolândia seria um campo de de relações, de modo que não pode ser reduzida apenas ao local de consumo de substâncias em vias públicas. Ou seja, não é o agrupamento de usuários que cria a ‘terra do crack’, mas uma miríade de instituições, grupos e organizações que se mantêm em relação com essa população [...] Por estar localizada no centro de São Paulo, a Cracolândia se insere em um contexto de disputa urbana que envolve diversos grupos sociais e questões referentes ao acesso e formas de apropriação do espaço, ainda que com contornos específicos. (Nasser, 2016, p.23)

Para melhor compreender a Cracolândia, Nasser traça um breve histórico da Cracolândia, para isto ela utiliza autores como Tatiana Mosqueira (2007), Beatriz Kara José (2010) e os já citados Heitor Frúgoli e Enrico Spaggiari 2010. Dentro da História da Cracolândia essa região passou por algumas ações do poder público, sejam repressivas ou não.

Ao falar sobre o processo histórico da Cracolândia, Nasser defende que por se tratar de um espaço central e de pela sua localização estratégica de ligação do centro de São Paulo há zona norte da cidade, além de outros fatores.

Durante a década de 1990, antes de 2005, ano da Operação Limpa, as políticas públicas para o Bairro da Luz e adjacências era baseada em investimentos que visavam a atração de outros grupos sociais e investimentos privados, em especial imobiliários. Dentre os investimentos públicos houveram as revitalizações da Pinacoteca do Estado, Estação da Luz e Júlio Prestes. Também foram feitos o Museu da Língua Portuguesa e a Sala São Paulo (NASSER, 2016, p.24).

Ao chegar em 2005, houve uma mudança na estratégia adotada pelo poder público em especial pelas gestões Serra e Kassab (2005 a 2009) que adotou um caráter mais agressivo e repressivo, onde se destacaram três pontos de maior relevância, incentivos fiscais para a criação de um polo tecnológico, o projeto Nova Luz e a Operação Limpa, todos de 2005.

Os dois primeiros programas, além de atrair novos grupos sociais e investimentos, também tinham como objetivo:

Não apenas incidir sobre a Cracolândia, provocando sua dispersão, mas também sobre as atividades comerciais do bairro - compostas sobretudo por pequenos e médios estabelecimentos especializados em artigos eletrônicos e de informática, equipamentos de som, carro e iluminação -, e sobre seus moradores, desapropriando para demolir cortiços,

pensões, prédios, ocupações. (NASSER, 2016, p. 27)

Já a Operação Limpa, consistia em deslocar ou remover as causas da degradação do bairro da Luz que no caso seriam: “a concentração de habitações sub-normais (cortiços, pensões, ocupações e barracos), pontos de tráfico e consumo de ‘drogas’, prostituição e usos populares do espaço” (NASSER, 2016, p.25).

Após essas três políticas públicas, a prefeitura de São Paulo criou dois Programas, o “Programa de Proteção a Pessoas em Situação de Risco” e o “Programa de Recuperação e Controle do Espaço Público” que tinham o objetivo de:

Ambos os programas apenas normalizaram a conduta já praticada na região pela Guarda Civil Metropolitana no espaço público de determinados sujeitos e grupos sociais por conta de seus atributos e formas de comportamento. A partir dessas medidas, os guardas foram autorizados a deter e reprimir pessoas sem que elas tivessem infringido qualquer preceito legal. (NASSER, 2016, p.29.)

Ainda no ano de 2009, ocorreu em parceria com o Município e o Estado de São Paulo o Programa Centro Legal, como aponta o próprio site oficial do programa de resgatar as pessoas em estado de vulnerabilidade, combater o tráfico e criar um ambiente propício para as ações sociais” e também “parte de uma série de esforços do governo do Estado de São Paulo para a recuperação e revitalização dessa região da cidade”<sup>9</sup>.

Esse Programa se desdobrou na operação de mesmo nome que foi uma intervenção estatal “que ficou conhecida por Operação Sufoco [...] essa investida é considerada um ponto de virada na forma de gestão desse espaço público por ter reconfigurado seu campo político.” (NASSER, 2016, p.29)

Até esse momento da dissertação de mestrado, Nasser fez uma descrição das principais políticas públicas que tiveram como foco a Cracolândia, porém, mais adiante na dissertação ela se concentra mais na Operação Centro Legal ou Sufoco por ser um marco de mudança para a Cracolândia.

Antes desta descrição da dissertação a autora faz uma breve revisão bibliográfica do que já tinha sido produzido até então sobre o consumo de crack e a “territorialidade” da Cracolândia no meio acadêmico.

Nasser aponta que a partir do final dos anos 90 um grupo de pesquisadores, afirmou que a questão do consumo de crack e da Cracolândia “extrapola o campo médico e sanitário, possuindo relações com processos sociais e políticos mais

---

<sup>9</sup> Ver: [www.policiamilitar.sp.gov.br/hotsites/centrolegal/index.html](http://www.policiamilitar.sp.gov.br/hotsites/centrolegal/index.html)

amplos” p.30. A autora continua descrevendo que a partir deste período que parte da discussão deixa de ser exclusividade do ramo “médico-sanitárias” e passam para um campo mais complexo que abarca a sociologia e a antropologia. Para isto ela cita diversas pesquisas, como: Nappo, 1994; Fasson & Puccinelli, 2010; Arruda, 2013; Adorno, 2008 e 2013; Lopes, 2008; Varanda e Adorno, 2004; Gomes e Adorno, 2011; dentre outras pesquisas.

Outro ponto dentro da revisão bibliográfica que Nasser menciona é o caráter político das pesquisas a respeito dos efeitos bioquímicos do crack, relacionando isto com o poder “sobrenatural” da substância, como a violência, prostituição, etc. Isto auxiliou na disseminação das representações sobre a falta de autonomia dos usuários e a necessidade de intervenção, comumente repressiva, para com estes. Esta representação é amplamente utilizada pela grande mídia, debates políticos e campanhas de prevenção a drogas (NASSER, 2016, p. 31).

Seguindo na análise, Nasser fala sobre os principais temas abordados, sendo eles: as variadas formas de consumo de crack; significações dadas para o uso além dos diagnósticos de dependência química; as trajetórias dos usuários traçando itinerários de exclusão e de sofrimento social; os agenciamentos e práticas realizadas para manutenção do consumo e sobrevivência, como as atividades econômicas desenvolvidas pelos usuários e suas práticas de autocuidado na relação com o consumo; a sociabilidade entre os frequentadores da Cracolândia, tratando das hierarquias entre os usuários de crack e a população de rua; os significados da corporeidade dos usuários que desenvolveram relação abusiva com o crack, os chamados “nóias” (Nasser, 2016, p.34).

A autora segue a revisão bibliográfica focando nas pesquisas voltadas para o tema da “corporeidade” dos usuários dando maior atenção a dissertação de doutorado de Taniele Rui<sup>10</sup>. Não iremos nos atentar a este tema da dissertação de Nasser.

O próximo ponto de relevância para este trabalho na dissertação de Nasser é quando começa a abordar “O ponto de virada da Operação Sufoco” (2012). Esse período foi de extrema relevância para a espacialidade e sobre as políticas públicas voltadas para Cracolândia, pois, até a “Operação Sufoco” o foco das ações do governo municipal e estadual eram de reprimir os usuários, das mais diferentes formas, para que eles saíssem da região, seja pelo tratamento da dependência química ou pelo simples uso da violência pela PM e/ou GCM.

Nasser fala como se originou a “Operação Centro Legal” que mais tarde veio a ser conhecida como “Operação Sufoco”:

O programa Centro Legal foi criado em 2009 em uma parceria do governo municipal e estadual. O projeto se desdobrou na

---

<sup>10</sup> RUI, Taniele. Corpos Abjetos: etnografias em cenários de uso e comércio de crack. 2012. Tese (Doutorado) - IFCH - Unicamp, Campinas, 2012.

Operação Centro Legal, em 2012. Estavam previstas três fases de atuação: ocupação policial e coibição do tráfico, assistência social e encaminhamento médico às pessoas em situação de risco e, por fim, manutenção da segurança do espaço para que não se formem mais ‘cracolândias’ [...] Durante os primeiros dias de intervenção, policiais militares perseguiram usuários de crack e moradores de rua que frequentavam o espaço com armas menos letais, com a finalidade de levá-los à exaustão até que pedissem por ajuda ou deixassem a região [...] as autoridades não podiam expulsar os usuários de crack e moradores de rua da região por consistir em um espaço público, no qual eles têm direito de permanecer. A alternativa encontrada pelo programa, segundo o defensor, foi a de não permitir que as pessoas ficassem paradas no local, deixando-as sempre em movimento até que desistissem de permanecer no local’ (NASSER, 2016, p. 45-46)

A reação a “operação Sufoco” foi a mobilização de diferentes ONGs, pastorais e movimentos sociais que já atuavam na região prestando serviços assistenciais e também o Ministério Público de São Paulo, Defensoria Pública e Tribunal de Justiça (NASSER, 2016, p. 46-49). Essa articulação tanto de parte da sociedade civil como parte do serviço público permitiram uma maior visibilidade para a questão do centro da cidade de São Paulo como também para a questão da Cracolândia e das políticas sobre drogas. Um trecho importante onde a autora trata da questão:

reuniu 60 organizações, entre movimentos sociais, ONGs de direitos humanos, partidos, coletivos, sindicatos, conselhos regionais, e articulações. Contra o ‘higienismo, preconceito, segregação, violência, intolerância, tortura e abuso de autoridade’ na Cracolândia, se articularam grupos com bandeiras das mais diversas [...] Essa ampla articulação refletiu a conjuntura política que envolvia a Cracolândia na época dessa investida. A disputa foi travada em torno da Operação Sufoco, mas também estava em jogo o conflito acerca das formas de apropriação dos espaços do centro de São Paulo. O Projeto Nova Luz, com a proposta de alterar radicalmente uma grande parcela dessa região, ameaçando ocupações de moradia, trabalhadores do comércio informal, moradores, expressões artísticas etc., acabou por possibilitar a reunião de diferentes grupos e colocar a Cracolândia no coração da luta. (NASSER, 2016, p. 48-49)

Através da ação desses grupos e também da falta de cumprimento dos objetivos da “Operação Sufoco” foi possível “o ponto de virada” que Nasser

mencionou anteriormente, que consistiu na mudança das “formas de gestão deste espaço e desta população, que se manifestaram na expansão dos serviços, organizações e programas assistenciais e de saúde de 2013 até o presente momento” (NASSER, 2016, p.52). Os principais programas públicos no caso são “De Braços Abertos” e “Recomeço” que segundo Nasser:

Criados depois da Operação Sufoco de 2012, ambos de inserem em um novo quadro político, no qual, se considera que somente respostas repressivas ao uso do crack não adiantam. No discurso de ambos, a ‘cracolândia’ aparece como um problema de saúde pública, mas endereçada a partir de duas vertentes completamente opostas. Enquanto o programa estadual (Recomeço) entende os usuários como dependentes químicos, prevendo seu tratamento a partir da abstinência, o municipal (De Braços Abertos) parte de outra concepção, relacionada a saúde coletiva e redução de danos, onde o consumo da substância figura como um problema entre outros de cunho social, como a pobreza, o dormir nas ruas (NASSER, 2016, p.55)

Nasser faz uma descrição mais detalhada de como os dois programas citados acima funcionam, começando pelo “Programa Recomeço” que é do governo Estadual de São Paulo que:

lançado em janeiro de 2013 pelas Secretarias da Saúde, da Justiça e Defesa da Cidadania, e do Desenvolvimento Social. Seu objetivo, de maneira geral é oferecer tratamento aos dependentes químicos, sobretudo usuários de crack, a partir de internações em comunidades terapêuticas conveniadas. Apesar da sua criação e propaganda estarem diretamente associadas à Cracolândia paulista, o programa não se limita a essa territorialidade, atendendo a todo o estado de São Paulo [...] Sua principal base de atendimento é o CRATOD (Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas) localizado nas adjacências do Parque da Luz [...] Na Cracolândia, o Recomeço está presente por meio de duas bases: a equipe de abordagem de rua, no qual agentes procuram incentivar usuários de crack a se internar, e o Hospital Recomeço. Esse último terá leitos para o tratamento de leitos para o tratamento de dependência química, onde pessoas ficarão internadas, e também quartos de moradia assistida. Apesar do hospital ter sido inaugurado, esses espaços ainda não foram abertos até o momento de redação desta dissertação, pois a reforma do prédio não foi terminada (NASSER, 2016, p.55-56)

Já o programa “De Braços Abertos” do Município de São Paulo:

Em janeiro de 2014, a Prefeitura de São Paulo deu início a um programa de atendimento aos usuários de crack habitantes de barracos instalados na Cracolândia sem precedentes na história das políticas para esse espaço e sua população. Ao invés de uma intervenção exclusivamente policial e focada na repressão ao consumo e venda da substância, as autoridades municipais basearam-se em preceitos da redução de danos ao oferecer moradia, trabalho, assistência social e de saúde a essas pessoas como forma de resposta ao problema urbano da Cracolândia e ao da população usuária de crack [...] O programa teve início com a inscrição de cerca de 400 pessoas [...] essas pessoas foram despejadas pelas autoridades municipais e inscritas no projeto, recebendo uma bolsa de um salário mínimo e meio, incluindo os gastos com habitação em um hotel da região e alimentação no restaurante popular Bom Prato - que são repassados diretamente às organizações de administração do programa. Aqueles que aderiram ao De Braços Abertos também têm de trabalhar, diretamente e por quatro horas, em um serviço de varrição e limpeza (NASSER, 2016, p.56)

No capítulo seguinte Nasser aborda como as diferentes formas de gestão de pessoas no espaço originaram o que a autora chamada de "campos de gravitação" dentro da Cracolândia, durante e depois da “Operação Sufoco”<sup>11</sup> como indica no trecho a seguir:

Minha hipótese é de que a fixação territorial combinada a essa malha concentrada de programas e instituições de cuidado, estabelecidas sobretudo depois dos desdobramentos da Operação Sufoco, acabou por construir um campo de gravitação em torno da Cracolândia, de modo a atrair percursos de pessoas com trajetórias muito diferentes mas que se encontram ali por terem uma vida errante [...] Nesse capítulo, irei discutir primeiramente como esses dois eixos aparecem na história da Cracolândia, enfatizando que há um deslocamento no modo de operação policial depois da Operação Sufoco que permitiu sua fixação territorial.(NASSER, 2016, p.66)

Como foi mencionado anteriormente, a Operação Sufoco tinha o objetivo de expulsar os usuários de crack da região da Luz por meio da ação repressiva da PM e da GCM e que não conseguiu atingir seus objetivos como causou uma mobilização dos mais diferentes grupos contra a ação repressiva e também contra o

---

<sup>11</sup> “Os campos de gravitação se constroem dentro da dinâmica de gestão de população no espaço urbano que opera segundo a racionalidade da dispersão e da concentração” (p.66)

Projeto Nova Luz que motivou a operação policial. Este é um dos eixos que a autora menciona no trecho acima, que no caso seria a prática mais comum do governo contra populações em situação de marginalidade e vulnerabilidade social.

O outro eixo constitui o que ocasionou a fixação da Cracolândia, ou melhor, dos usuários foi a criação dos programas “De Braços Abertos” e “Recomeço” já mencionados anteriormente, junto desses programas existem um número muito grande de ONGs e instituições de assistência ligados ou não a religiões variadas, como explica melhor a autora a relação desse dois eixos com a territorialidade da Cracolândia:

O que essas cenas revelam é que há uma tensão entre duas formas de gestão do espaço, manifesta na oposição entre a prática policial de dispersar os usuários na malha urbana e a forma de atuação localizada das instituições de cuidado. Tratam-se de duas lógicas operacionais distintas: enquanto uma procura acabar com a territorialidade da Cracolândia, impedindo o agrupamento de pessoas mediante o uso de força, a outra precisa desse espaço para executar seus programas (NASSER, 2016, p.73)

Esse é o principal ponto da dissertação de Nasser a respeito da espacialidade da Cracolândia, que essas duas formas de intervenção estatal alteraram de forma significativa a espacialidade da Cracolândia.

Mais a frente a autora relaciona a inefetividade do poder público no que ele se propõe nas diversas operações que já realizou para tentar acabar com a Cracolândia e sempre acaba deslocando ela para outros pontos próximos e/ou dividindo em “sub-cracolândia” e por fim sempre termina as operações sem nenhum resultado palpável, como relata no próximo trecho:

as operações realizadas pelo poder público não conseguem acabar com essa territorialidade, apenas promovem seu deslocamento territorial. A mesma paisagem [...] se restabelece a curtas ou longas distâncias, permanecendo, entretanto, sempre em uma mesma região: nas adjacências do bairro da Luz, Campos Elíseos e Bom Retiro. Foi assim que a Cracolândia se moveu desde seu surgimento nos anos 1900 até os dias atuais, passando nas imediações das ruas dos Protestantes, Andradas e do Triunfo, no perímetro conhecido como ‘boca do lixo’, para as cercanias do Parque e da Estação das Luz, estando, atualmente, entre a Estação Júlio Prestes e a Avenida Rio Branco (Nasser, 2016, p.75)

Outro ponto importante é o local escolhido para fixar a Cracolândia, deste

modo os usuários não iriam influenciar o tráfego de pessoas nem o comércio da região que é extremamente forte:

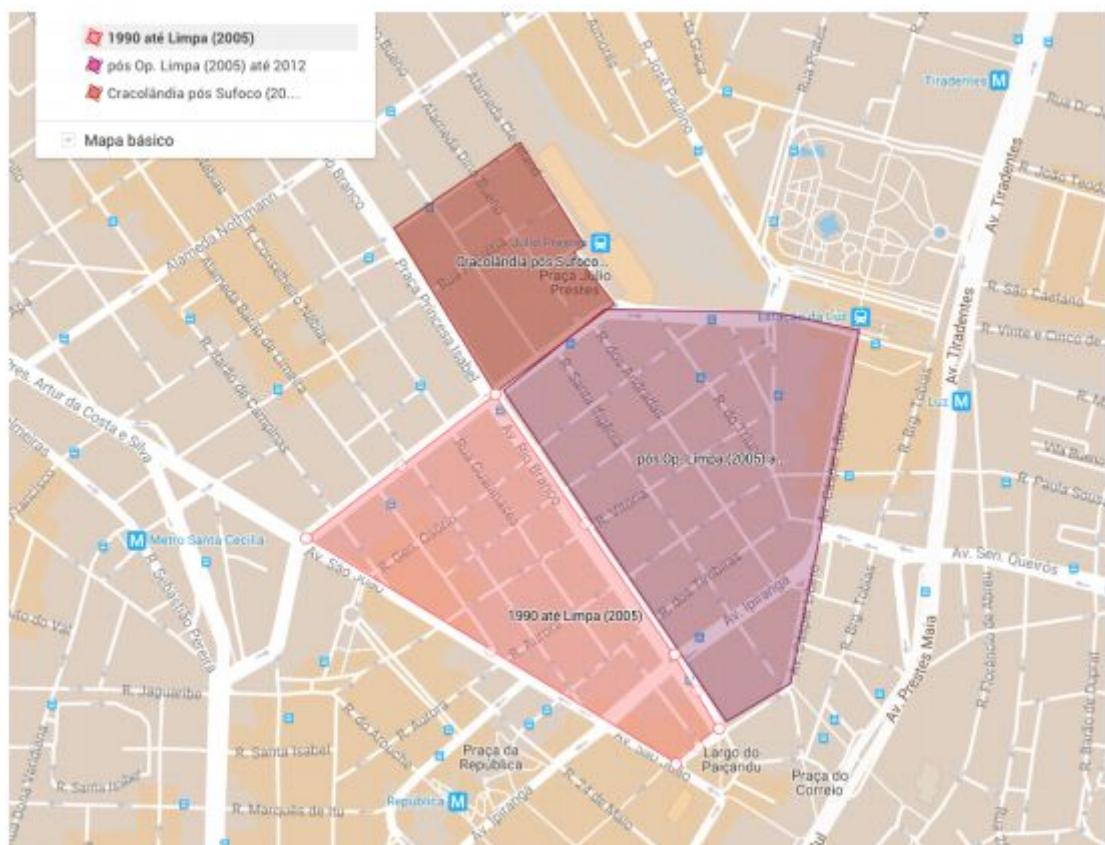
Se o cálculo para mover o *fluxo* da Alameda Cleveland para a Dino Bueno parece ser situacional, variando conforme a pressão pública e conjuntura política (Rui 2012, 199), o território considerado para esse deslocamento não é genérico. Não se trata de transferir o *fluxo* para qualquer rua entre os bairros da Luz, Santa Ifigênia e Campos Elírios, mas deixá-lo nas cercanias da Estação Júlio Prestes, Permitindo a circulação de seus frequentadores nos quarteirões em que se estabeleceram os serviços especializados voltados a esse público-alvo. (Nasser, 2016, p.83)

Por fim o melhor trecho que explica os dois eixos de Nasser é o seguinte:

As lógicas de dispersão e concentração operam, pois de forma articulada, de modo que o deslocamento é resultado de uma política que induz a circulação das pessoas entre territorialidades por meio da interrupção ou instalação de programas assistenciais. Ou seja, na medida em que o Estado deixa de oferecer atendimento em um determinado ponto e impede as pessoas de permanecerem ali, elas passam a se fixar em outras localidades nas quais esses serviços estão presentes e não há rondas policiais constantes. Isto não significa que todos sigam necessariamente um circuito pré-estabelecido, mas suas trajetórias são fortemente condicionadas por essa dinâmica, uma vez que a busca por recursos é o que enseja a transição de um local para outro. Trata-se de um modo de gestão da população em o Estado define e limita onde as pessoas podem ou não permanecer de acordo com a conjuntura e interesses situacionais, impondo às pessoas um condição de circulação contínua e produzindo circuitos dentro do espaço urbano. E a Cracolândia configura-se como um ponto de concentração enquanto outros espaços como dispersão (Nasser, 2016, p.91)

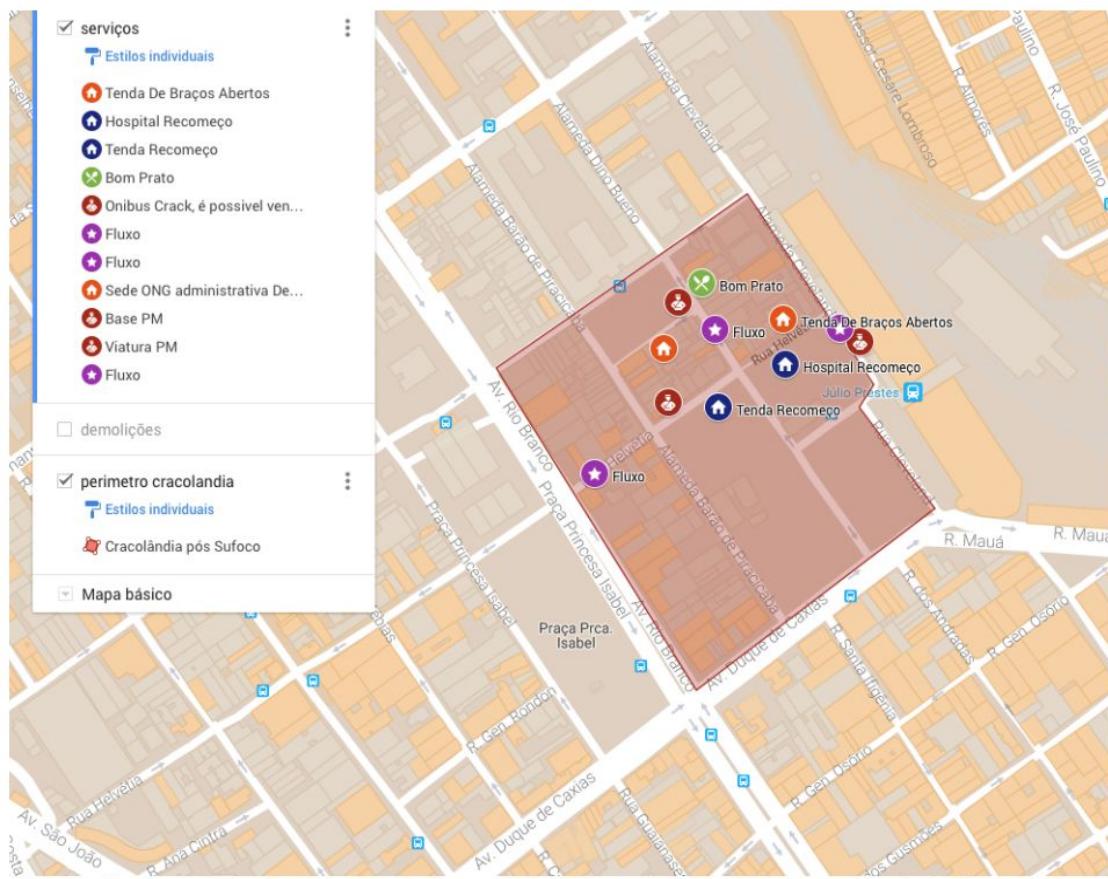
Mapas da dissertação de Nasser:

#### **Mapa 2: Deslocamentos na Cracolândia segundo operações**



Fonte: Nasser, p. 84

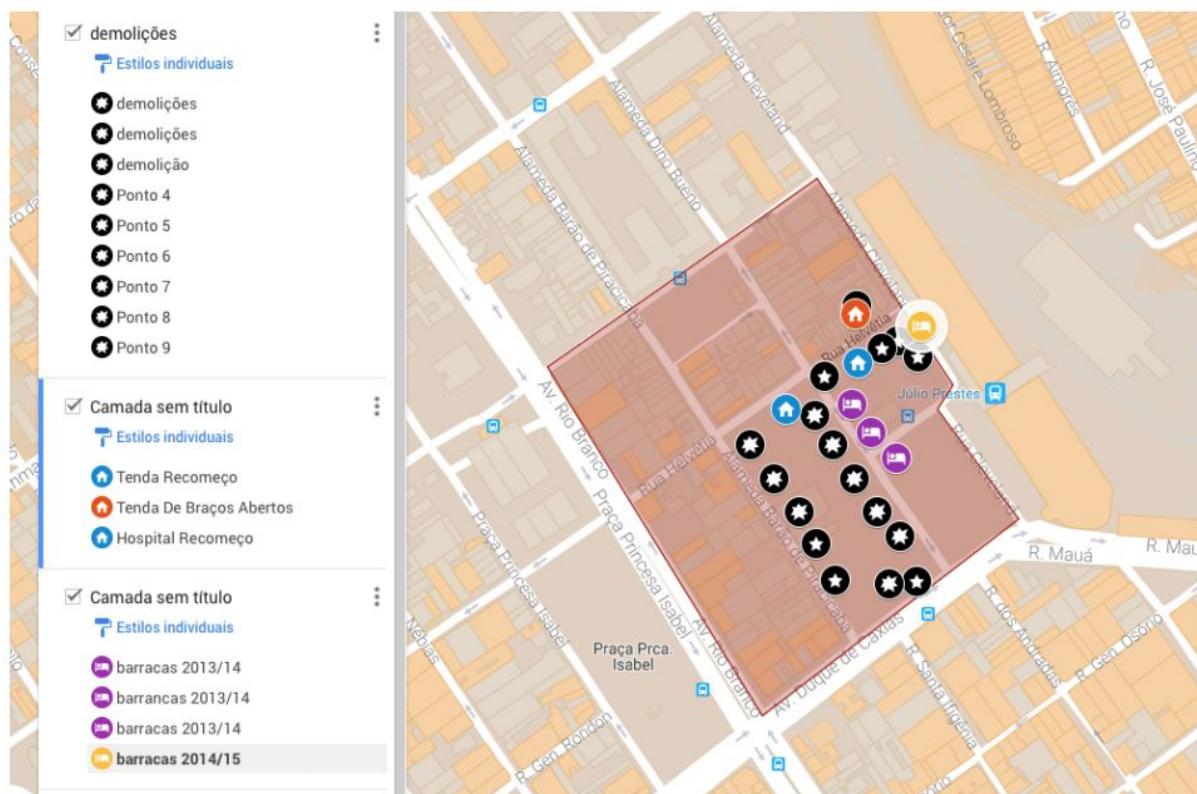
**Mapa 3: Cracolândia em 2012 com os principais serviços em destaque**



Cracolândia encontrada durante a pesquisa, estabelecida pós Sufoco/2012, com os principais serviços em destaque.

Fonte: Nasser, p. 85

**Mapa 4: Demolições, serviços estatais e barracos após Sufoco (2013-2015) (p.85)**



Demolições, serviços estatais e barracos (2013/2014 e 2014/2015) na Cracolândia pós Sufoco.

Fonte: Nasser, p. 84

## 2.2 Fluxos de uma territorialidade: duas décadas de “cracolândia” Taniele Rui

O artigo “Fluxos de uma territorialidade: duas décadas de ‘cracolândia’” de Taniele Rui, Professora Dra. de Antropologia na UNICAMP publicado no livro “Pluralidade Urbana em São Paulo” organizado por Lúcio Kowarick e Heitor Frúgoli Jr., este artigo tem como objetivo:

persigo e descrevo mobilidades, usos do espaço, atores sociais, disputas terapêuticas e governamentais, operações performáticas e operações cotidianas dos agentes estatais; indico como elas se amplificaram, sobretudo, no final da década de 2010 em diante, tornando a “cracolândia” um campo de intervenção das políticas sociais e repressivas, capaz de movimentar debates importantes sobre esta centralidade (Frúgoli Jr., 2006) de São Paulo e, mesmo, sobre

o consumo de crack no Brasil.(RUI, 2015 p.226)

Contudo, antes da autora descrever e perseguir a espacialidade da Cracolândia ela faz um excelente relato de como se originou esse território tão disputado no centro da cidade de São Paulo.

Ela inicia relatando sobre o bairro de São Matheus, onde a autora afirma que foi a primeira vez que ocorreu o comércio e o consumo de crack na cidade de São Paulo, porém não nos deteremos nesta parte do artigo, em seguida Rui faz uma descrição de como uma parte do centro da cidade chamada “Boca do Lixo” famosa pela boemia e prostituição se transfigurou no que ficou conhecida como Cracolândia.

A autora inicia esta parte do artigo relatando como a Boca do Lixo se formou a partir do fechamento de uma “zona da cidade” no Bom Retiro e também localiza onde estava situada a “Boca do Lixo” no centro:

Mas para entender melhor por que, dentre as várias áreas centrais de São Paulo, houve um afluxo significativo de usuários de crack para as ruas do entorno do bairro da Luz e de Santa Ifigênia, é preciso voltar no tempo, pelo menos a meados dos anos 1950 até o início dos anos 1990, período no qual a Boca do Lixo (imortalizada na narrativa do “Rei da Boca”, Hiroito Joanides, de 1977, na qual se baseou recentemente o filme Boca, de Flávio Frederico) se tornou o maior reduto da prostituição paulistana, a partir de 1954, depois do fechamento por decreto governamental da zona de meretrício do Bom Retiro em 1953 (Teixeira, 2012). Nesses anos, a Boca do Lixo compreendeu mais ou menos a região entre as ruas do Triunfo, Timbiras e Protestante, as avenidas São João e Duque de Caxias, o largo General Osório e a praça Júlio de Mesquita. (RUI, 2015 p.231)

A autora continua relatando o processo de transferência das elites e do setor financeiro para outros pontos da cidade e com isto deu início ao processo de degradação e abandono desta parte do centro da cidade. Outros fatores de grande importância foi o fechamento do terminal rodoviário presente no bairro da Luz e o abandono de alguns prédios governamentais (RUI, TANIELE, 2015 p.232-233).

Estes processos ocorrerão em suma até o final da década de 80 e possibilitaram a entrada de usuários e traficantes dentro dos hotéis da região da Luz, a autora menciona isto com maior clareza neste trecho:

Eis resumido o processo que fez com que muitos dos hotéis e pensões que antes hospedavam viajantes e prostitutas passassem a receber, no início dos anos 1990, usuários e vendedores de crack, que chegavam tanto de outras cidades,

quanto de outras áreas centrais de São Paulo e mesmo das áreas periféricas da metrópole, em razão dos motivos expostos no item anterior. Transformações espaciais e sociais que ocorriam, usando as palavras de Teixeira (2012: 10-1), ‘ao mesmo tempo em que a economia da prostituição entrava em declínio e o comércio de drogas começava lentamente a ganhar alguma referência como negócio criminal no plano da cidade, difundindo-se em múltiplos territórios e agenciamentos (RUI, 2015 p.233)

Na sequência, Rui menciona que o termo Cracolândia aparece nos dois principais jornais de São Paulo em agosto 1995<sup>12</sup> e maio 1996<sup>13</sup>, sendo o primeiro do jornal *O Estado de S. Paulo* e o segundo na *Folha de S. Paulo*. A autora coloca em questão se o termo foi realmente criado pelos jornais ou não, porém, não nega o fato que foi graças a estes que o termo foi disseminado e popularizado.

Um pouco antes da primeira matéria sair no *O estado de S. Paulo*, mais especificamente vinte dias antes, foi criada a Delegacia de Repressão ao Crack, do DENARC que também foi fruto de uma série de reportagens publicadas antes pelo mesmo jornal a respeito de uma “epidemia de crack” no centro. (RUI, 2015 p.234)

Um último fator importante que a autora menciona é que na década de 90 a Cracolândia era um local de venda e preparo da droga, sendo o consumo e a venda mais restrito aos hotéis. Hoje, segundo testemunhos de policiais que a autora menciona, é a região onde menos se apreende crack na cidade, as áreas de confecção da droga foram para outros lugares e o consumo da droga se faz em praça pública, porém esse último fator teve o início em meados da década de 2000.

Para explicar a mudança na Cracolândia a partir desta data a autora coloca três fatores essenciais, sendo o primeiro a mudança de gestão nas periferias pelo crime organizado, mais especificamente pelo PCC, fazendo que usuários considerados problemáticos, fossem sendo impedidos de consumir e comprar drogas em determinada *biqueira*<sup>14</sup> e se deslocando para outra. Segundo Rui, isto contribuiu para que o número de usuários aumentasse no Cracolândia.

O segundo fator que a autora destaca foi o aumento do consumo de crack pela população de rua, sendo inclusive difícil de diferenciar um morador de rua de um usuário de crack. Isto se torna mais complicado, pois a população de rua vem aumentando nos últimos anos e também o consumo de crack.

Antes, os fatores que levavam essas pessoas a condição de rua eram as migrações, problemas habitacionais, desemprego, etc. Hoje o principal associado a

<sup>12</sup> Cf. “Polícia reforça combate a traficantes”. *O Estado de S. Paulo*, 7/8/1995.

<sup>13</sup> Cf. “PM afirma ter recapturado dois dos fugitivos”. *Folha de S. Paulo*, 14/5/ 1996, <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/14/cotidiano/23.html>>

<sup>14</sup> *biqueira* - local onde ocorre a venda de drogas, normalmente maconha, cocaína e crack

condição de rua é o consumo abusivo do crack, segundo a autora.

Por fim, o último fator colocado que alterou e ajudou a tornar a Cracolândia mais visível é o Projeto Nova Luz do ex-prefeito Gilberto Kassab. O foco do projeto era de revitalizar a área degradada, que na prática era “O Nova Luz pode ser lido, portanto, como atualização local das políticas de gentrificação, de caráter cada vez mais global, caracterizadas pela atração das elites para áreas urbanas centrais, num processo articulado à expulsão de setores das classes populares.” (RUI, 2015 p.238)

Como consequência desses fatores a Cracolândia se tornou alvo de grande interesse público, de intervenção de políticas públicas repressivas e assistenciais e de tema de várias pesquisas, sobre o “*sofrimento social*”, dinâmica territorial, heterogeneidade, etc., como indica a autora. (RUI, 2015 p.239)

Um dos pontos que mais chama a atenção que a autora menciona é de como em vários aspectos o crack influencia a região e as relações sociais:

Para entender bem essas vidas no limite, os trabalhos foram observando a importância de se conhecer a fundo a socialidade local e as redes de amizade, troca e afeto, indicando como esse espaço atrai por funcionar como uma espécie de grande “balcão de informações” (Rui, 2012), em que se descobre e se aprende tudo sobre o crack (dos fornecedores da droga aos melhores modos de tragá-la), e a partir do qual se favorece uma ampla série de empreendimentos, como pensões, lojas e bares, criados em torno do local. Foi também ali descrita uma dinâmica de venda da droga extremamente diferente da que se observa nas periferias da cidade (Rui, 2012, 2014). Na ‘cracolândia’, é possível comprar uma pedra de crack grande por 10 ou 15 reais, fazer lascas dela e revendê-la por um mínimo de cinquenta centavos — o que possibilita que o crack se torne moeda, utilizada para trocar, comprar e vender, com muita facilidade, sapatos, roupas, cigarros, alimentos, achados eletrônicos do lixo de Santa Ifigênia, materiais recicláveis. Dinâmica esta que borra as fronteiras entre os tipos penais do traficante e do usuário de drogas. (RUI, 2015 p. 239-240)

Fora essas dinâmicas “internas” da Cracolândia outro fator que foi comprovado dentro das várias pesquisas é o fato de a Cracolândia não ser “um mundo à parte” como coloca a autora:

não há nada que reitere a ideia batida da ‘cracolândia’ como um ‘mundo à parte’, ‘com lógicas próprias’, fomentado em decorrência da ‘ausência de Estado’. É justamente o contrário que ocorria. De 2005 a 2010, a ‘cracolândia’ passou, definitivamente, de um local para onde ‘ninguém olhava’ ao

centro das questões sociais, urbanas e políticas contemporâneas, movimentando operações policiais, serviços de saúde e de assistência social dos mais variados níveis de governo (municipal, estadual e federal); além de atores como ONGs, igrejas, facções criminais, ativistas, jornalistas e pesquisadores.

De modo mais instigante, cada um desses atores, longe de cooperarem, na prática desenvolvem distintas propostas, emaranhando-se em inúmeras disputas, concorrendo entre si pelo melhor entendimento do local, pelo mais correto atendimento e encaminhamento dos usuários, bem como pelos modos mais adequados de atuar sobre a questão; contendas que ficaram mais visíveis a partir de 2012. Observando tal dinâmica com atenção, me parece evidente indicar que a ‘cracolândia’ e os usuários de crack estão sujeitos a, mas também impulsionam e recriam, aparatos e técnicas políticas de controle e gestão de territórios e de populações (Foucault, 2008).” (RUI, 2015 p.240)

Na última parte do artigo, Taniele Rui aborda a Cracolândia como campo de intervenção das políticas públicas do município e estado de São Paulo nos anos de 2012 até 2014. O ponto de partida que a autora utiliza é a “Operação Sufoco”, esta operação foi um divisor de águas dentro das políticas públicas para a maior parte dos pesquisadores que estudam a Cracolândia, como foi mostrado na revisão da dissertação de mestrado de Nasser.

A hipótese de Rui, que foi elaborada junto com Taís Magalhães (2014) foi que esta operação “redelineou” novas configurações e atores na Cracolândia como é demonstrado no trecho a seguir:

Taís Magalhães (2014) e eu temos trabalhado com a hipótese de que a Operação Sufoco redelineou novas configurações políticas e novos atores mediadores da relação entre usuários de crack e o mundo público, na medida em que foi possível vislumbrar, a partir dela, o campo de intervenção que se tornou a “cracolândia” e, de modo específico, os usuários de crack. A partir daí, ficou evidente também que propostas emergentes de intervenção urbana para a área podem se articular ao deliberado afastamento da visibilidade pública dos usuários de crack. Agir sobre a “cracolândia” é, portanto, sinônimo de agir sobre os corpos vulneráveis dos usuários, a partir de diversas táticas, técnicas e tecnologias de controle e cuidado. Não é de estranhar, assim, o pulular de ações públicas elaboradas a partir de então. (RUI, 2015, p.242)

Os efeitos da “Operação Sufoco” foram sentidos durante o ano após o seu término apontando seu fracasso, houveram dois fatores em especial que ocorreram

conforme a autora menciona, o primeiro foi a construção de barracos pelos usuários nos arredores da Alameda Dino Bueno constituindo uma pequena favela no centro de São Paulo fixando ainda mais os usuários de crack dentro da Cracolândia.

O segundo fator foi uma maior variabilidade de usuários dentro do “fluxo” conforme explica a autora:

De modo ainda mais surpreendente, foi depois da violência dessa operação que se escutou falar do ‘fluxo’, nome pelo qual passou a ser chamada e a chamar-se a população usuária de crack que, sem estar acomodada em barracas, era inconstante e variável. Ou seja, a errância a qual essa população fora exposta passou a ser emblema de sua própria identificação. (RUI, 2015 p.244)

Desta forma o fracasso da operação que visou acabar com a Cracolândia, ou pelo menos expulsar os usuários da região da Luz acabou por deixar ainda mais difícil e instável a Cracolândia segundo Taniele Rui.

Por último, concomitante a “intensificação” da Cracolândia, a autora comenta que as políticas públicas, de atenção e repressão, se tornaram cada vez mais atuantes dentro da Cracolândia, em especial a GCM que são “autorizados a fazer a gestão e a contenção dessa *população*”.

## 2.3 Da cracolândia aos nóias: percursos etnográficos no bairro da Luz - Heitor Frúgoli Jr e Enrico Spaggiari (2010) Ponto Urbe

O artigo de Heitor Frúgoli Jr e Enrico Spaggiari “Da cracolândia aos nóias: percursos etnográficos no bairro da Luz” de 2010 apresenta o conceito “territorialidade itinerante”, onde, por meio de observações etnográficas e reflexões sobre as dinâmicas socioculturais presentes na Cracolândia no período de 2007 a 2009, constroem o conceito devido a mobilidade dos usuários da Cracolândia ocasionada pela repressão policial no mesmo período.

Para isto, os autores fizeram alguns trabalhos de campo junto de entidades que já atuavam na Cracolândia como o “É de Lei”, além de utilizar a perspectiva do conceito de “gentrification” de Neil Smith<sup>15</sup> e relativizar o alcance do conceito para a realidade no qual está inserida a Cracolândia e também, segundo os autores, “vislumbrar outras possibilidades analíticas mais consistentes do ponto de vista antropológico”(FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010, p.2).

No geral, os autores colocam que “o modo como certas abordagens

---

<sup>15</sup> Os autores utilizam como referência um artigo de Neil Smith de 2006 que é similar (não igual) ao que utilizei mais adiante, porém o que os autores utilizaram esta escrito em francês e o que utilizei é traduzido do inglês para o português.

amparadas pelo conceito de gentrification tendem a demarcar separações muito rígidas entre mundos sociais, com uma delimitação por vezes bastante categórica sobre inserções em classes sociais diferenciadas" (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010, p.2). Deste modo, segundo os autores, haveria uma polarização muito grande em termos de análise colocando sempre um "antes" e um "depois" não levando em "conta as dinâmicas complexas que permeiam as relações entre a continuidade e mudança" (FRÚGOLI JR; SPAGGIARI, 2010, p.2).

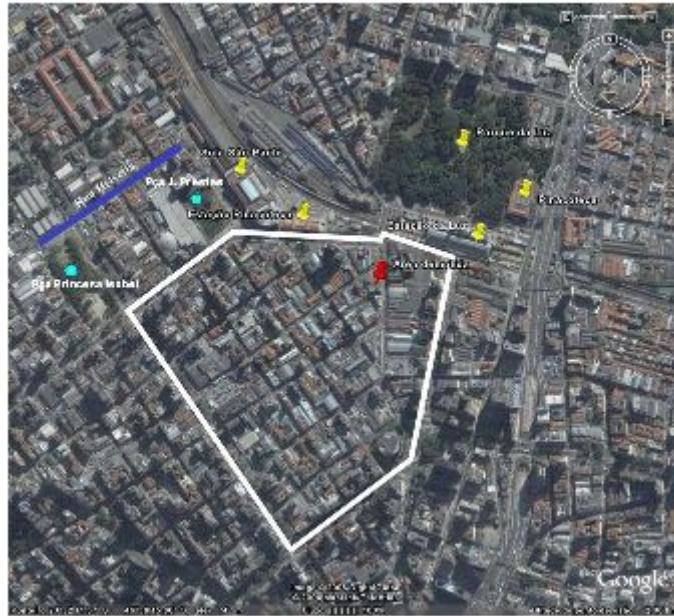
A partir deste ponto os autores iniciam a construção do conceito de "*territorialidade Itinerante*". Para isto, os autores abordam a polaridade que cerca o Bairro da Luz, que no caso seria, "bairro cultural" e Cracolândia. O primeiro devido as benfeitorias públicas como "Pinacoteca do Estado", "Museu da Língua Portuguesa", "Teatro Municipal", entre outras iniciadas nas décadas de 80 e 90. Já o segundo seria cercado com "representações estigmatizantes" como violência, pobreza, sujeira, etc. Esta polaridade está diretamente ligada ao discurso "deterioração - revitalização" já abordado anteriormente.

Através da crítica a essas polarizações estigmatizantes os autores colocam o conceito de "*Territorialidade Itinerante*":

Nossa hipótese é de que a cracolândia constituiria uma espécie de territorialidade itinerante (Perlongher, 1987 e 2005 [1988]), o que significa situá-la numa certa área urbana, mas sujeita a deslocamentos mais próximos ou mais distantes, a depender do tipo de repressão ou intervenções exercidas, além das dinâmicas de suas próprias relações internas. Antes de nossas primeiras idas a campo, seu perímetro específico (definido pela prefeitura e bastante divulgado pela mídia impressa) era justamente a área pentagonal onde se pretendia instalar o projeto municipal Nova Luz (Prefeitura do Município de São Paulo, dez./2005). Tal delimitação tão rígida revelava estratégias de intervenção urbana voltadas à criação de espaços potencialmente sujeitos a forte valorização imobiliária. (FRÚGOLI; SPAGGIARI, 2010, p.3)

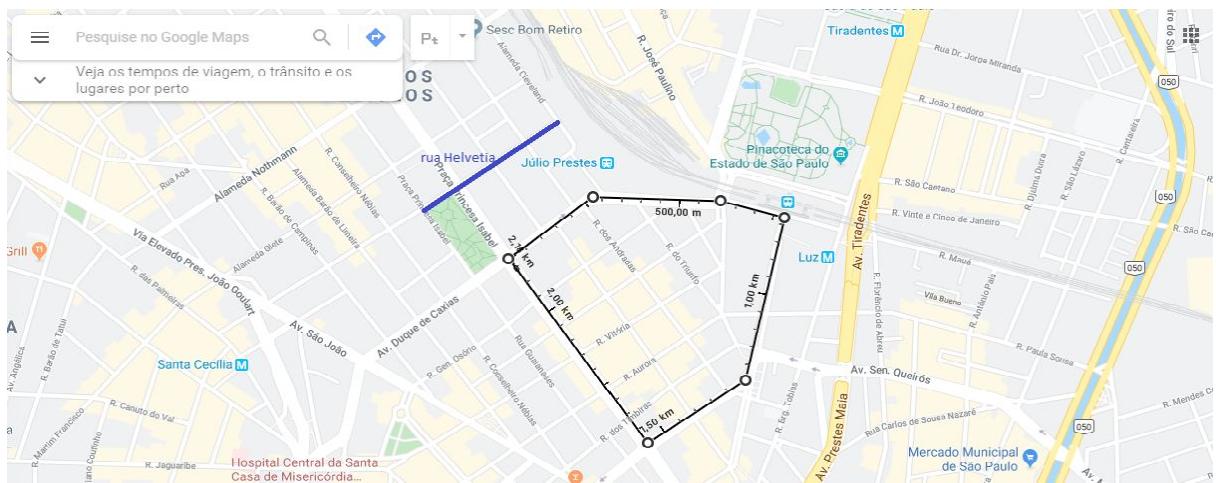
Para melhor visualização os autores colocaram a mapa a seguir (mapa 6), porém a qualidade da mesma não ajuda na visualização por isso foi feita uma adaptação no google maps (mapa 5). Outra pequena observação é que neste trecho os autores não mencionam que um grande número de usuários se encontrava no trecho da rua Helvetia, marcada pela linha azul nas duas imagens. Porém, mais adiante no artigo eles mencionam este dado.

**Mapa 5: Mapa da Cracolândia no período de 2007-2009**



Fonte: FRÚGOLI; SPAGGIARI, 2010, p.4

**Mapa 6 Área da Cracolândia em 2010**



Fonte: FRÚGOLI; SPAGGIARI, 2010, p.4

Mais a frente, os autores discutem a questão da mudança da forma de como o poder público começou a tratar a Cracolândia, agora como uma questão de saúde pública, e também relacionando com o fato que a área onde está localizada a Cracolândia está imersa em um complexo jogo de interesses (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010, p.13).

Para isso, os autores colocam dois acontecimentos importantes o “Ação Integrada Centro Legal” de 2009 e a concessão urbanística aprovada pelo prefeito em 7/5/2009 “com previsão de desapropriação de dezoito quarteirões na região do

Centro (cerca de 600 imóveis) através da participação da iniciativa privada” (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010, p.13).

Tendo em vista que o primeiro acontecimento foi praticamente uma prévia da “Operação Sufoco” de 2012, ou seja, houve um aumento substancial nas abordagens policiais concomitante a repressão aos usuários com o intuito de que eles deixassem a área ou que buscassem ajuda nas equipes de saúde montadas para atender os usuários da localidade com o objetivo de que os mesmos fossem internados, o que neste caso serviria também para que os usuários saíssem da Cracolândia.

Por fim, os autores escrevem mais a respeito da “territorialidade itinerante”:

Tais desdobramentos lançaram novas questões para a compreensão do que procurávamos analisar até então sobre a cracolândia como uma territorialidade itinerante, marcada por certa mobilidade e que se relacionava com atores sociais inseridos nas dinâmicas de trabalho, comércio, moradia e lazer em áreas ‘degradadas’. Assim, se as observações anteriores já permitiam relativizar certos determinismos territoriais sobre um perímetro que fora alvo privilegiado de repressão e investimento do poder público durante a última década, sofrendo inclusive um processo parcial de demolição a partir de 2007, permanecia o desafio de compreender as novas dinâmicas políticas e cotidianas que vinham impactando o contexto pesquisado a partir de 2009” (FRÚGOLI; SPAGGIARI, 2010, p.13).

Assim, este artigo demonstra alguns aspectos que configuram a espacialidade da Cracolândia e os motivos que levam a mobilidade de seus frequentadores. Por mais que este artigo não seja recente (2010) e descreve acontecimentos de 2007 até 2009, onde a Cracolândia não apresentava a configuração espacial após 2012, os autores nos ajudam a compreender como as políticas públicas repressivas conseguem influenciar a Cracolândia.

### 3. Uma abordagem geográfica da Cracolândia a partir dos conceitos: “os dois circuitos da Economia” e “gentrificação” e “Ideologias Geográficas”

#### 3.1 Os dois circuitos da Economia - Milton Santos (espaço dividido)

Uma das formas para melhor compreender o que ocorreu na Cracolândia, sob a perspectiva da Geografia, no seu desenvolvimento na região da Luz, levando em conta as influências internas e externas, seria o conceito dos “Dois Circuitos da Economia” de Milton Santos que ajuda a melhor compreender como se deu os processos de gênese e de intervenções do poder público visando acabar com a mesma.

Levando em conta que a formação do espaço em países em desenvolvimento e/ou subdesenvolvidos ocorre de forma diferente do que em países desenvolvidos, principalmente em relação a seletividade espacial que tanto a iniciativa pública e a privada têm.

O ponto principal que buscamos discutir neste momento é como a formação e o desenvolvimento da Cracolândia, já descrita anteriormente, sob a perspectiva dos “Dois Circuitos da Economia”, levando em consideração os diversos fatores que conduziram a Cracolândia a se integrar ao espaço do Bairro da Luz e que permitiram ela se tornar um dos principais problemas da área central da cidade de São Paulo.

Tendo em vista que a formação da Cracolândia ocorreu primeiramente devido a saída da elite política e econômica do centro da cidade de São Paulo junto com algumas instituições, e concomitante a esse processo, houve o aumento das atividades marginais na mesma região e em especial na chamada “Boca do Lixo”. Com a internacionalização da economia brasileira e também a flexibilização e precarização das relações de trabalho houve um constante aumento das atividades econômicas do circuito inferior desde a década de 1980 como indica Marina Montenegro em sua dissertação de mestrado (2006).

Passado algum tempo essa área começou a ser considerada degradada pelo poder público e outros agentes devido a essas atividades marginais e pelo consumo cada vez maior do crack, que cada vez mais ocorria em céu aberto em uma área estratégica da cidade de São Paulo, tendo a necessidade de ser revitalizada pelo poder público. Desta forma, houveram algumas intervenções na tentativa de acabar com a Cracolândia, como as operações “Limpa” e “Sufoco” para tentar implementar

o “Projeto Nova Luz”, visando revitalizar a região e acabar com a Cracolândia.

Um trecho da obra “O espaço Dividido” de Milton Santos ajuda a entender como parte desse processo ocorre, da seletividade do espaço por agentes externos, tanto para a sua saída do centro como a tentativa de expulsar a Cracolândia e os grupos que estão lá inseridos para a entrada de novos grupos:

Os espaços dos países subdesenvolvidos caracterizam-se primeiramente pelo fato de se organizarem e reorganizarem-se em função de interesses distantes e mais freqüentemente em escala mundial. Mas não são atingidos de um modo maciço pelas forças de transformação, cujo impacto, ao contrário, é muito localizado e encontra uma inércia considerável à sua difusão (Santos e Kayser, 1971). Por outro lado, as forças da modernização impostas do interior ou do exterior são extremamente seletivas, em suas formas e em seus efeitos. As variáveis modernas não são acolhidas todas ao mesmo tempo nem têm a mesma direção. Trata-se de uma história espacial seletiva (SANTOS, 2004, p.20)

Este trecho nos ajuda a compreender que o processo de degradação e marginalidade que foi inicialmente uma consequência da saída da elite econômica e política do centro para outras localidades de São Paulo e depois de determinado período há a tentativa de “revitalização”. As primeiras ações nesse sentido foram a Pinacoteca do estado, o Parque da Luz, restauração da Estação da Luz, sala São Paulo, etc.

Todos esses investimentos do poder público voltados para esta área do centro de São Paulo chamaram muito a atenção do setor imobiliário, para não dizer que o segundo influenciou o primeiro, devido também ao grande potencial de valorização que ainda poderia ocorrer devido ao projeto urbanístico “Projeto Nova Luz” de 2007 ,que basicamente deveria desapropriar e demolir várias quadras da região central para a construção de áreas verdes, valorização dos prédios antigos e a apropriação de parte desta área pelo setor imobiliário.

Este Projeto foi “arquivado” na gestão do prefeito Fernando Haddad, mas, o ponto em que tentamos chegar é como o circuito superior e inferior moldaram esta parte do espaço do centro, em especial, a Cracolândia.

Sobre o circuito superior e inferior Milton Santos escreve:

Simplificando, pode-se apresentar o circuito superior como constituído pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. O circuito inferior é constituído essencialmente por formas de fabricação não "capital intensivo", pelos serviços não-modernos fornecidos 'a varejo' e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão. (Santos,

2004, p.40)

Neste momento chamaremos de como “círculo Superior” os agentes do com interesse na “revitalização” do centro da cidade, no caso, parte do poder público e em especial setor imobiliário. Já o “círculo Inferior” iremos considerar como o comércio popular da região com baixa ou nenhuma formalização de trabalho, moradores e em especial os frequentadores da Cracolândia, conforme já foi abordado anteriormente na revisão dos textos de Nasser, Rui e Frúgoli e Spaggiari.

Por mais que a Cracolândia enquanto conceito não se relacione de forma direta com o círculo inferior da economia de Santos existe uma relação entre estes dois no processo de precarização das relações trabalhistas e indiretamente nas relações políticas e sociais que ajudaram a criar a Cracolândia e na forma como o poder público trata a Cracolândia. Montenegro (2006) escreve um pouco sobre o processo de precarização de trabalho que envolve o círculo inferior:

A reflexão sobre o círculo inferior em particular nos aproxima assim, de certo modo, de uma análise sobre o processo de precarização do trabalho, que nos dias de hoje, aumenta a vulnerabilidade social e produz diversas formas de trabalho que terminam por envolver, ainda que indiretamente, a totalidade do tecido social.  
(MONTENEGRO, , p.50, 2006)

Voltando, as transformações que mais impactaram começaram no período de 2005 com a Operação Limpa, com a repressão policial na tentativa de expulsar os frequentadores da Cracolândia e também houveram demolições de estabelecimentos que tinham alguma ligação com o tráfico e consumo de drogas e prostituição, segundo a prefeitura. Por fim, essa operação fracassou em seu propósito e só ajudou a deslocar os frequentadores por outros bairros mais ou menos distantes do centro como escrevem Frúgoli e Spaggiari sobre a “territorialidade itinerante”.

Em 2009 houve a “Ação integrada Centro Legal” que culminou mais tarde em 2012 na “Operação Centro Legal” ou “Operação Sufoco” que de certa forma teve as mesmas ações que a “Operação Limpa”, porém desta vez houve uma mobilização muito maior da sociedade civil e de uma parte da do poder público que não estava ligada a tais operações e que culminou no “ponto de virada”(Nasser 2016), onde o poder público começou a tratar a questão da Cracolândia, não apenas como uma questão de segurança pública, mas como de saúde pública. Iniciativas como o “Projeto de Braços Abertos” e “Recomeço”, o primeiro municipal e o segundo estadual, são exemplo deste fato.

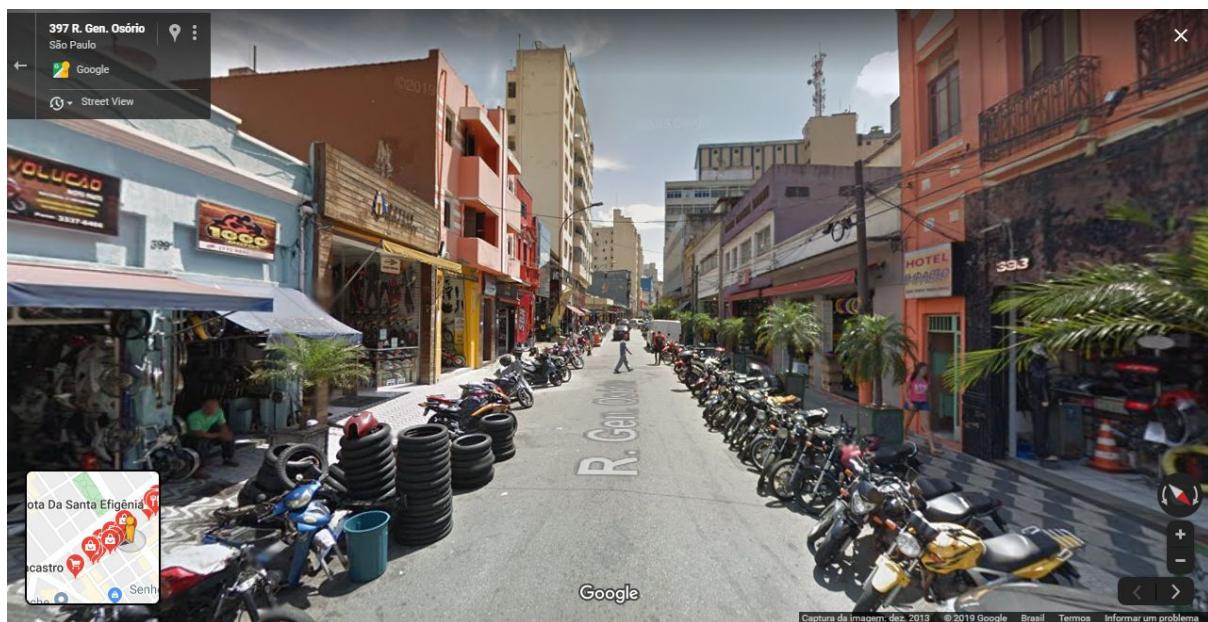
Porém, mesmo havendo uma mudança qualitativa nas políticas públicas voltadas para a Cracolândia, da mesma forma foi uma mudança na espacialidade da Cracolândia feita pelo circuito superior e não pelo inferior, pois graças aos

projetos voltados para a saúde pública e assistência social houve uma concentração da Cracolândia em um espaço muito restrito para justamente não haver a dispersão dos frequentadores por outros bairros.

Levando em consideração todos esses fatos e tentando fazer uma análise sob a ótica dos “dois circuitos da economia” de Santos é possível colocar que a espacialidade da Cracolândia sempre teve **grande** influência graças ao “circuito superior”, pois, desde a gênese da Cracolândia que ocorreu devido a saída da elite do centro até os dias de atuais. Ou seja, a espacialidade desta área foi alterada não só pela presença do “circuito superior” na tentativa de se inserir dentro do espaço, mas também devido a sua ausência, onde, o “circuito inferior” ganhou maior protagonismo, não somente com as atividades marginais mas como o comércio popular de eletrônicos na Santa Ifigênia e de peças de motos na Rua General Osório e adjacências.

Tendo em vista esse processo de relativa ausência ou rarefação de agentes do “circuito superior”, o “circuito inferior” teve maior liberdade para a utilização do espaço, onde o consumo indiscriminado de crack é uma das formas de manifestação da marginalidade que assola principalmente as camadas mais pobres da população onde está presente o circuito inferior, até o comércio popular da região, como é possível observar na imagem abaixo da Rua General Osório:

**Imagen 1 – Vista da Rua General Osório na altura do cruzamento com a Av. Rio Branco em 2013**



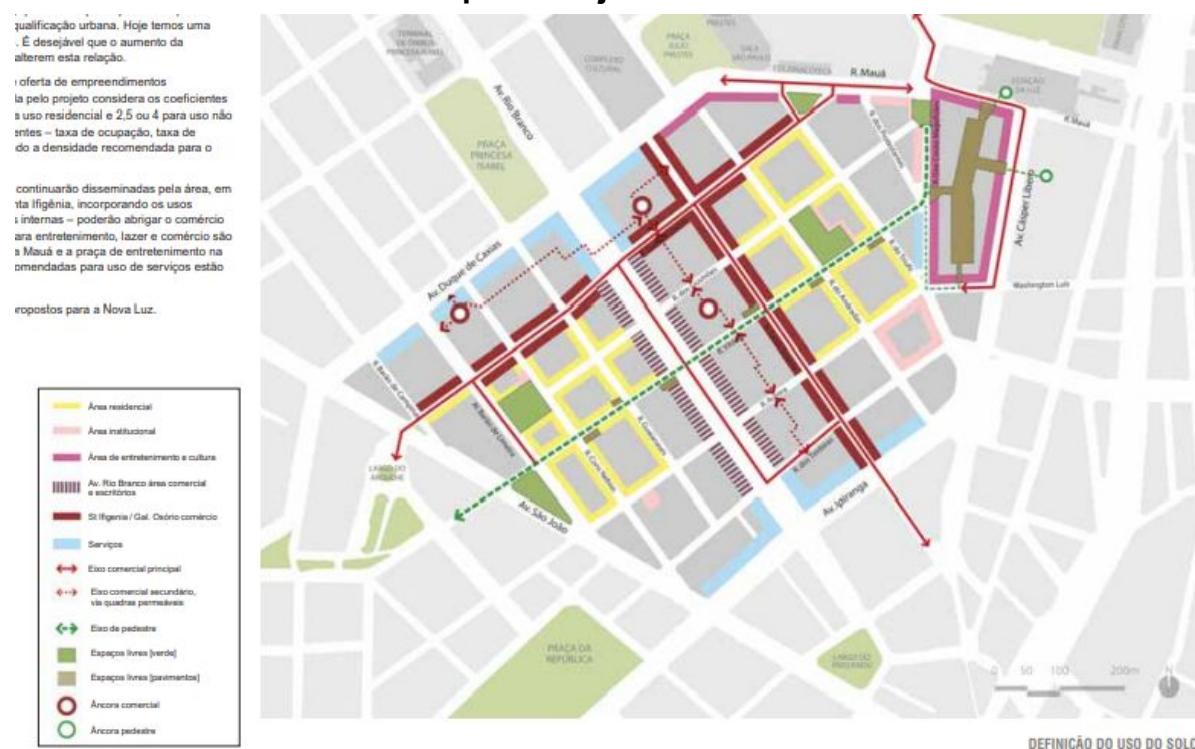
Fonte: Google Maps, 2020

Mas, conforme descrito anteriormente, as ações do “circuito superior” na área começaram com as obras voltadas a cultura e ao lazer como o Teatro Municipal e a

Pinacoteca do Estado e tiveram os maiores efeitos com as operações policiais e sua respectivas consequências, primeiro dispersando os usuários e com o final da “Operação Sufoco” a concentração e fixação espacial da Cracolândia.

Deste modo o circuito superior voltou a influenciar mais o espaço nesta região de forma mais direta a partir de 2005, tendo em conta os planos da atual gestão municipal do prefeito Bruno Covas<sup>16</sup>. Tendo em vista todas as ações externas do circuito superior na tentativa de revitalizar a região visando implementar o projeto urbanístico “Nova Luz”, modificando de forma significativa o comércio da região como é possível observar no próprio mapa de uso do solo do Projeto Nova Luz:

## **Mapa 7: Projeto Nova Luz**



Fonte: Projeto Urbanístico Específico (PUE) publicado em julho de 2011 (p. 21) <sup>17</sup>

Como é possível observar, as áreas onde estão os retângulos vermelhos que coincidem com as ruas onde o comércio é mais intenso, Ruas Santa Ifigênia e General Osório, porém, ao observar as adjacências é possível ver que as faixas amarelas serão direcionadas para o uso residencial, fazendo meramente uma especulação, não serão residências voltadas para os padrões econômicos da população que já reside nesse local nem aos trabalhadores da região, essa

<sup>16</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/06/uma-ousadia-chamada-redencao.shtml> acesso dia 14/09/2019

<sup>17</sup>retirado do link:  
[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento\\_urbano/arquivos/nova\\_luz/201108\\_PUE.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento_urbano/arquivos/nova_luz/201108_PUE.pdf) acessado no dia 11/12/2019)

especulação se baseia um pouco no que ocorre quando há a implementação projeto urbanístico e o preço do m<sup>2</sup> sobe, alterando assim o nível socioeconômico dos moradores e talvez o comércio.

Por mais que este projeto nunca tenha sido implementado, claramente há um conflito de interesses por esta região do centro de São Paulo, tanto pelo circuito superior quanto pelo inferior.

Tendo em vista que os frequentadores da Cracolândia estão ligados ao circuito inferior, por ser uma parcela da população em extrema vulnerabilidade social e também que a Cracolândia é formada pelos seus frequentadores, usuários ou não, por mais que estes estejam no espectro de influência do crime organizado, que poderia ser considerado de certa forma, uma parte do circuito superior devido a sua estrutura de atuação, pensando no caso o Primeiro Comando da Capital (PCC).<sup>18</sup>

Sendo assim, a Cracolândia exerce enorme influência enquanto parte do circuito inferior na construção da espacialidade desta região, pois ela é um dos principais entraves para que o Projeto Nova Luz, tanto por causa de sua resistência enquanto grupo social que se provou muito persistente em sair da região e pela pressão de parte da sociedade civil que entende que a Cracolândia é um problema de saúde pública e não como um problema de segurança pública.

Não foi apenas isto que impediu que o “Projeto Nova Luz” fosse implementado, também o comércio extremamente forte que é considerado como parte do circuito inferior por mais que esteja mais ligado diretamente a uma parte do circuito superior e que deseja se manter neste local.

Desta forma, a região da Luz e sua localização estratégica na cidade de São Paulo é alvo de grande interesse pelo setor imobiliário e outros setores do circuito inferior, porém, devido principalmente ao comércio popular da região e em menor parte a Cracolândia e todas as suas questões envolvidas a espacialidade da região ainda não foi alterada de forma substancial.

### 3.2 Gentrificação - Neil Smith

O conceito Gentrificação, extremamente popularizado no meio acadêmico, em especial na área de arquitetura e urbanismo, é um dos que melhor se aplica atualmente sobre o bairro da Luz e adjacências, visto que, por mais que não esteja diretamente ligado a questão da Cracolândia, ajuda a explicar o contexto no qual está inserida.

De início o conceito da Gentrificação coloca que em uma grande metrópole e/ou cidade as áreas centrais começam a se desvalorizar com a sua expansão geográfica em direção aos subúrbios, valorizando mais as áreas mais distantes do

---

<sup>18</sup> PCC - Primeiro Cartel da Capital. Direção de Wainer, João; reportagem de Rebello, Aiuri; Militão, Aiuri; Costa, Flávio e Adorno, Luís; Apresentação de Lopes, Débora. UOL, 2019, YouTube, link: <https://www.uol.com.br/mov/reportagens-especiais/pcc.htm>

centro, como explica o trecho:

ele leva a um abandono substancial das propriedades localizadas nas áreas centrais. Esta desvalorização do capital investido no ambiente construído afeta as propriedades de todos os gêneros: comercial e industrial, bem como residencial. Diferentes intensidades e formas de envolvimento do Estado conferem ao processo características muito diferentes em diversas economias.

Em um nível mais básico, é o deslocamento do capital para a construção de paisagens suburbanas e o consequente surgimento de um *rent gap* o que cria a oportunidade econômica para a reestruturação das áreas urbanas centrais. A desvalorização da área central cria a oportunidade para a revalorização desta parte ‘subdesenvolvida’ do espaço urbano. (SMITH, 2007 p.21)

Por mais que a cidade de São Paulo tenha suas peculiaridades e que não seja uma “cidade do mundo capitalista desenvolvido” como coloca Smith, o processo de gentrificação se aplica de modo parecido no caso do centro de São Paulo.

Como já foi explanado anteriormente, a elite econômica e política paulistana se deslocou para outros bairros da cidade, a sede política foi transferida para o bairro do Morumbi e o centro financeiro deslocado para a Avenida Paulista e um pouco mais tarde para a Berrini e Vila Olímpia.

Como Consequência desse processo foi criado um “*rend gap*”, nas palavras de Smith, entre o centro e esses bairros, que não são propriamente suburbanos. Passado algum tempo, há uma volta do interesse nas áreas centrais para que elas deixem de ser áreas degradadas e que tem a urgente necessidade de serem revitalizadas, para que esses espaços sejam destinados para a construção ou reforma de imóveis que terão como objetivo de venda para a classe média e escritórios dos mais diversos ou pelo menos como um polo cultural da cidade com o Teatro Municipal, Pinacoteca do estado entre outros como indica Alves (2011):

Em um primeiro momento (anos 1980), os documentos oficiais apontavam para a necessidade de “revitalização” da área central. Revitalizar implicava buscar uma nova vida para o centro, como se a existente não fosse desejável. O que se procurava era, nos discursos oficiais, atrair novamente as classes mais abastadas que haviam se afastado da área central. Se não fosse possível pela moradia, que voltasse pela cultura, pelo patrimônio cultural existente, mas para isso muitas mudanças estruturais deveriam ser feitas de modo a atrair investimentos (tanto nacionais como internacionais, privados e/ou públicos) (ALVES, p.111, 2011).

Levando em conta que a região no qual a Cracolândia está inserida em uma posição geográfica privilegiada por conta de toda a infraestrutura construída, linhas

de trem e metrô, algumas áreas verdes, serviços públicos, etc. e a sua proximidade com as principais avenidas de São Paulo como a Marginal do rio Tietê, corredor Norte-Sul, Radial Leste entre outras.

Desta forma, o processo de degradação que a Cracolândia causou e de certa forma ainda vem causando é extremamente útil para que a especulação imobiliária, pois, o preço de compra do m<sup>2</sup> com a Cracolândia ainda instalada será muito mais baixo do que o de venda com a ela já removida. Segundo VAZ (2009) a região central de São Paulo possuí alguns fatores fundamentais para que a especulação imobiliária tenha grande interesse nesta parte da cidade:

Assim, pode-se dizer que a existência de áreas deterioradas ao redor do centro tradicional à espera de um processo de renovação possui relação direta com a dinâmica dos processos de promoção imobiliária, que vão levar em consideração determinados fatores de fundamental importância à decisão de investimentos nessas áreas, tais como: a) preço dos terrenos; b) localização c) possibilidade de realização de investimentos por parte do Estado para a recuperação material das construções deterioradas e dotação de infra-estruturas necessárias; d) capacidade do mercado de pagar o investimento realizado, entre outros.(VAZ, 2009, p.81)

Nesse sentido, a gentrificação e a crescente especulação imobiliária que a acompanha são um dos vários fatores envolvidos na questão da Cracolândia.

Por mais que o conceito da Gentrificação de Neil Smith não se encaixe de forma perfeita a questão da região da Luz, este ajuda de maneira substancial para melhor compreender parte do processo que ocorre na questão da Cracolândia.

### 3.3 Ideologias Geográficas de Antonio Carlos Robert de Moraes

O livro “Ideologias Geográficas” de Antonio Robert Carlos de Moraes, mais especificamente os capítulos dois e três, tratam de um conceito que de certa forma se relacionam com a espacialidade da Cracolândia, o conceito em questão é sobre a *consciência espacial*, que diferentes grupos e sociedades ao longo do tempo tem diferentes formas de consciência em relação ao espaço que acarretam diferentes formas de apropriação e construção do mesmo.

Ao se refletir a respeito dos discursos que cercam a questão da Cracolândia, que no caso seriam: a necessidade de “revitalização” devido a “degradação” da área central e a necessidade de se tratar a Cracolândia como uma questão de saúde pública, citando apenas os dois maiores e antagonistas.

Cada um desses discursos, segundo Moraes, tem uma “consciência” em

relação ao espaço, como é a melhor forma que os diferentes espaços têm que ser apropriados. Um trecho da obra que explica bem isto:

Por pensamento geográfico entende-se um conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam as concepções que uma dada sociedade, num certo momento determinado possui acerca do seu meio (desde o local até o planetário) e das relações com ele estabelecidas. Trata-se de um acervo histórico e socialmente produzido, uma fatia da substância de formação cultural de um povo. Nesse entendimento, os temas geográficos distribuem-se pelos variados quadrantes do universo da cultura. Eles emergem em diferentes contextos discursivos, na imprensa, na literatura, no pensamento político, na ensaística, na pesquisa científica etc. Em meio a estas múltiplas manifestações vão sedimentando-se certos valores. Enfim, vai sendo gestado um senso comum a respeito do espaço. (MORAES, 1991, p.32)

Refletindo sobre os dois principais, o primeiro seria da revitalização e o segundo de se tratar a Cracolândia como uma questão de saúde pública, pode-se pensar em como estes dois discursos têm diferentes concepções em relação ao espaço.

Analizando o primeiro, se coloca a necessidade de modernizar os espaços que estão atrasados e “degradados” e que não estão cumprindo seu papel dentro da economia, este tipo discurso não é algo novo, um exemplo desse discurso pode ser observado na fala do antigo prefeito e atualmente governador do estado, João Dória, a matéria é de 10/06/2017, período onde o mesmo ainda era prefeito:

O prefeito de São Paulo, João Dória (PSDB), afirmou neste sábado (10) que a ação na região da Cracolândia, no centro da capital paulista, não terá recuo. ‘Nem a ação policial, nem a emergencial — que é de natureza social e medicinal —, nem a urbanística, que é de recuperação das áreas. À medida em que elas forem sendo desocupadas, elas vão sendo recuperadas para que não sejam mais ocupadas nem por usuários e muito menos por traficantes<sup>19</sup>

Pode se perceber a preocupação em manter os usuários e traficantes distantes da área que eles ocupam no centro e a necessidade de se “recuperar” elas para a mesma seja utilizada para outro propósito, que pode se pressupor que esteja ligado a algum objetivo semelhante ao antigo “Projeto Nova Luz”, que tinha o caráter de readequar esta parte do centro já mencionado anteriormente.

Fazendo uma breve análise superficial, pode-se identificar elementos normalmente encontrados na ideologia neoliberal, para que o espaço cumpra o

<sup>19</sup> A matéria pode ser encontrada no link: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/doria-diz-que-acao-policial-na-cracolandia-vai-continuar-10062017> acessado 16/12/2019

propósito meramente financeiro, dando pouca ou nenhuma atenção a outros propósitos, ainda mais se não tiverem algum tipo de retorno financeiro. Esta fala de João Dória, se deu em meio a algumas operações policiais de caráter repressivo em ação conjunta do município com o estado de São Paulo, com o intuito de fazer com que os usuários fossem realocados por meio de internações e pela repressão, porém o objetivo não veio a se concretizar.

O outro discurso em relação a Cracolândia, de tratar a questão da Cracolândia como mais como uma questão de Saúde Pública e não apenas como uma questão de Segurança Pública. Tendo como foco principal melhorar a saúde da pessoa e não fazer mudanças abruptas em seu cotidiano.

Muito comumente os prefeitos e gestores nas últimas gestões da cidade de São Paulo tiveram a Cracolândia como uma questão muito polêmica e existiram dois diferentes tipos de tratamentos abordados, que no caso são a “Redução de Danos” e a outra de internações voluntárias ou involuntárias. Estes dois tipos de tratamentos coincidem com os dois tipos de discurso.

A primeira tem como princípio a redução de danos para o usuário de drogas e para a sociedade, esse tratamento não é apenas utilizado na Cracolândia, mas em diversos outros tipos de casos em vários locais ao redor do mundo. Este tipo de tratamento se utiliza de ferramentas e métodos visando a melhor qualidade de vida do usuário e a redução de custos para a sociedade, no caso da Cracolândia o programa “De Braços Abertos” tinha esse tipo de tratamento como principal, fornecendo camisinhas, piteiras para cachimbos de crack além de fornecer trabalho de varrição de ruas e alojamento em hotéis da região para os usuários beneficiários do programa entre outras coisas.

Mas o que é mais importante para a análise do discurso sobre o tratamento de redução de danos é não exigir que o usuário pare de usar e entre em abstinência, deixando o mesmo nas ruas não necessitando algum tipo de reclusão ou afastamento.

Já as internações voluntárias ou involuntárias se concentram em tirar os usuários das ruas e transferi-los para algum hospital, clínica especializada ou comunidade terapêutica, sendo muito comum nesta última a atuação de entidades ligadas a igrejas evangélicas e católica. Este tipo de tratamento foca na abstinência completa no usuário e se o mesmo vier a voltar a usar drogas o tratamento não deu certo necessitando de uma outra internação. O “Programa Redenção” tinha este tipo foco.

Para melhor diferenciar os dois tipos de tratamentos e sua utilização dentro dos discursos, a análise das consequências sobre a forma como a Cracolândia obteve durante a implementação dessas duas formas de tratamento.

Tendo em vista que a utilização das internações serve muito bem para o discurso de revitalização das áreas onde está presente a Cracolândia, pois pretendia retirar os mesmos dela deixando o espaço vago para um novo uso. O uso

da repressão policial para “incentivar” os usuários a se internarem e comum para não dizer que é um requisito para este tipo de tratamento dentro da Cracolândia, e no final das contas durante essas ações policiais houve a dispersão de frequentadores da Cracolândia pelo centro. Sendo muito comum nas últimas gestões do PSDB.

Já o tratamento da “Redução de Danos” teve como uma das consequências a centralização da Cracolândia em uma área do centro conforme foi abordado antes, essa concentração se deu por conta da oferta de serviços oferecidos pelo “Programa de Braços Abertos” e do “Programa Redenção”, além da atuação de outras instituições como ONGs e entidades religiosas em sua maioria e também facilitando a tarefa de controle policial e de limpeza na região.

Nossa intenção não é de colocar qual tratamento tem maior chance de sucesso ou a análise das falhas de cada um, pois ambos têm suas qualidades e defeitos, mas analisar como cada um desses discursos tem sua concepção em relação ao tratamento, aos usuários e em relação ao espaço e a forma como deve ser utilizado.

Moraes coloca que esse processo de percepção sobre o espaço e a melhor utilização dos mesmos para diferentes propósitos não é algo tranquilo e homogêneo como explica no trecho a seguir:

“Este processo não é isento de tensões, antagonismos, e muito menos autônomo em relação ao movimento político da sociedade. Ao contrário, tais valores são componentes fundamentais desse movimento, na medida em que o espaço (sua gestão, sua representação, os projetos e imagens ao seu respeito) representa um dos condutos mais eficazes do poder [...] Assim, os discursos geográficos engatam-se com algumas problemáticas centrais postas na prática social do mundo contemporâneo. Geralmente, estas discussões não se revestem de denominação de Geografia, porém é através delas que a Geografia material do planeta vai sendo desenhada. As transformações efetuadas na superfície da Terra seguem muito mais está ‘Geografia dos Estados Maiores’, da ‘mídia’ etc, do que da que flui nos currículos, nos tratados e nas academias. Se bem que ambas se articulem, notadamente na formação da opinião pública.

Posto dessa forma, nossa questão poderia ser equacionada no seguinte molde: como as concepções do espaço num dado país, e como atuam na própria representação do país” (MORAES, 1991, p.33)

Pensando desta forma a Cracolândia é um campo de disputa inclusive na ideologia do espaço.

Apenas mencionei os dois principais discursos antagônicos, mas poderia se colocar um número muito maior para dar um quadro mais claro a respeito das

ideologias espaciais que cercam a Cracolândia. Mas uma em questão que porventura, me falta conhecimento para abordar seria qual é a ideologia espacial dos frequentadores da Cracolândia, se é que existe apenas uma em comum entre eles, mas considerar esse fator dentro da questão da Cracolândia talvez poderia contribuir a propor soluções para a Cracolândia e não apenas colocá-los como sujeitos passivos ou como seres que perderam a capacidade de raciocínio e humanidade.

## Considerações Finais

Buscamos nesta monografia realizar um breve estudo sobre a espacialidade da Cracolândia localizada no bairro da Luz no centro da cidade de São Paulo e algumas possíveis contribuições da ciência geográfica para o tema, já que não havia nenhum tipo de trabalho que tratava especificamente sobre a Cracolândia, apenas sobre o centro de São Paulo e o bairro da Luz.

A gênese da Cracolândia está em parte ligada a saída da elite política e econômica do centro da cidade. Concomitante a esse processo de saída houve o aumento do comércio popular na região e também das atividades marginais como a prostituição, tráfico de drogas, roubos, etc. Ainda que não seja uma relação causal direta, a situação de crescente pobreza na região parece ter condicionado esses dois processos.

Dentro deste contexto nasce a Cracolândia, dentro de um território de prostituição chamado de “Boca do Lixo” no início da década de 1990 em meio às prostitutas e seus clientes. Ao fim da década de 1990 e início da década 2000 a questão do uso do crack no centro começa a chamar a atenção da grande mídia e consequentemente da sociedade e do poder público, também devido aos investimentos em obras como do Teatro Municipal, Estação da Luz entre outras.

Neste momento que a questão do uso de crack surge com maior força, e toma maior destaque graças ao Projeto Urbanístico Nova Luz, onde os esforços para acabar com a Cracolândia se multiplicam.

Desta forma, a Cracolândia se tornou uma das principais questões do centro da cidade de São Paulo, tanto para o poder público como para os moradores, comerciantes.

Por fim algumas questões surgiram: até que ponto a espacialidade da Cracolândia é fruto das ações do poder público e até que ponto é dos próprios usuários? Será que o uso de crack no centro de São Paulo irá ter um fim? Estas são questões que não poderemos responder, mas que são e passíveis de se serem estudadas pela geografia a fim de melhor compreendermos sua espacialidade.

## 4. Bibliografia

- ALMEIDA, Matheus Pinto de. Os lugares LGBT's do centro da cidade de São Paulo 2019. TGI (Trabalho de Graduação Individual) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- ALVES, G. A requalificação do centro de São Paulo. *Estudos Avançados*, v. 25, n. 71, p. 109-118, 1 abr. 2011.
- ARANTES, A. A. A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulências. In: \_\_\_\_\_. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. p. 105-130.
- COSTA, Roberta Marcondes. Mil Fitas na Cracolândia: Amanhã é domingo e a Craco Resiste. 2017. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017
- FRÚGOLI JR, H. São Paulo: espaços públicos e interação social. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- FRÚGOLI JR, H. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia da USP*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 133-165, 2005.
- FRÚGOLI JR, H. Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Edusp, 2006
- FRÚGOLI JR, H. Roteiro pelo bairro da Luz. *Ponto urbe*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://n-a-u.org/pontourbe02/Heitor.html>>. Acesso em: 04/05/2019. <http://n-a-u.org/pontourbe02/Heitor.html>
- FRÚGOLI JR, H.; SKLAIR, J. O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification. *Cuadernos de Antropología Social*, Buenos Aires, n. 30, p.119-136, dic. 2009.
- FRÚGOLI JR, H.; SPAGGIARI, E. Da cracolândia aos nóias: percursos etnográficos

no bairro da Luz - Heitor Frúgoli Jr e Enrico Spaggiari (2010). Ponto Urbe [Online], 6 | 2010, posto online no dia 31 julho 2010, consultado o 20 janeiro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1870> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1870.

LEFEBVRE, Henri. Direito à Cidade. São Paulo: Centauro; Edição: 5<sup>a</sup>, 2009

MAGALHÃES, Tais Rodrigues Pereira. Campos de disputa e gestão do espaço urbano: o caso da 'cracolândia' paulistana. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2016.tde-22082016-121815. Acesso em: 2019-07-03.

MONTENEGRO, Marina Regitz. O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA NA CIDADE DE SÃO PAULO NO PERÍODO DA GLOBALIZAÇÃO. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006

MORAES, A C R. Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no brasil. [S.l.: s.n.], 1991.

NAKANO, Kazuo. De Cracolândia a Nova Luz: olhar crítico sobre um urbanismo sem questões sociais. In: Seminário A Cracolândia Muito Além do Crack, 2012, São Paulo.

NASSER, Marina Mattar Soukef. Entre a ameaça e a proteção: categorias, práticas e efeitos de uma política de inclusão na Cracolândia de São Paulo, Horizontes Antropológicos [Online], 50 | 2018, posto online no dia 03 abril 2018, consultado o 02 julho 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/1928>. Acesso em: 05 abr. 2019.

NASSER, Marina Mattar Soukef. No labirinto: formas de gestão do espaço e das populações na Cracolândia. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São

Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2017.tde-10032017-142143.  
Acesso em: 2020-01-21.

PCC - Primeiro Cartel da Capital. Direção de Wainer, João; reportagem de Rebello, Aiuri; Militão, Aiuri; Costa, Flávio e Adorno, Luís; Apresentação de Lopes, Débora. UOL, 2019, YouTube, link: <https://www.uol.com.br/mov/reportagens-especiais/pcc.htm>

RUI, Taniele. Corpos Abjetos: etnografias em cenários de uso e comércio de crack. 2012. Tese (Doutorado) - IFCH - Unicamp, Campinas, 2012.

RUI, Taniele. Vigiar e cuidar: notas sobre a atuação estatal na “cracolândia”. v. 6 n. 2 (2012): Revista Brasileira de Segurança Pública 11, Publicado em 01/09/2012

RUI, Taniele. Fluxos de uma territorialidade: duas décadas de “cracolândia” (1995-2014). 2015. No prelo.

Santos, Milton (2004), O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos, ISBN 978-85-3140833-5 2<sup>a</sup> ed. , São Paulo: Edusp.

SANTOS, Julio Cesar Ferreira. O álibi cultural: novas formas para a valorização e reprodução do espaço na metrópole contemporânea. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-27042010-091110. Acesso em: 2019-04-16

SMITH, NEIL. GENTRIFICAÇÃO, A FRONTEIRA E A REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), n. 21, p. 15-31, 30 ago. 2007.

VAZ, AGLAÉ. O PROJETO NOVA LUZ E A RENOVAÇÃO URBANA NA REGIÃO DA LUZ: o espaço urbano como condição e produto da acumulação e como espaço de reprodução da vida. 2009. Dissertação de Mestrado -

FFLCH - USP, São Paulo, 2009